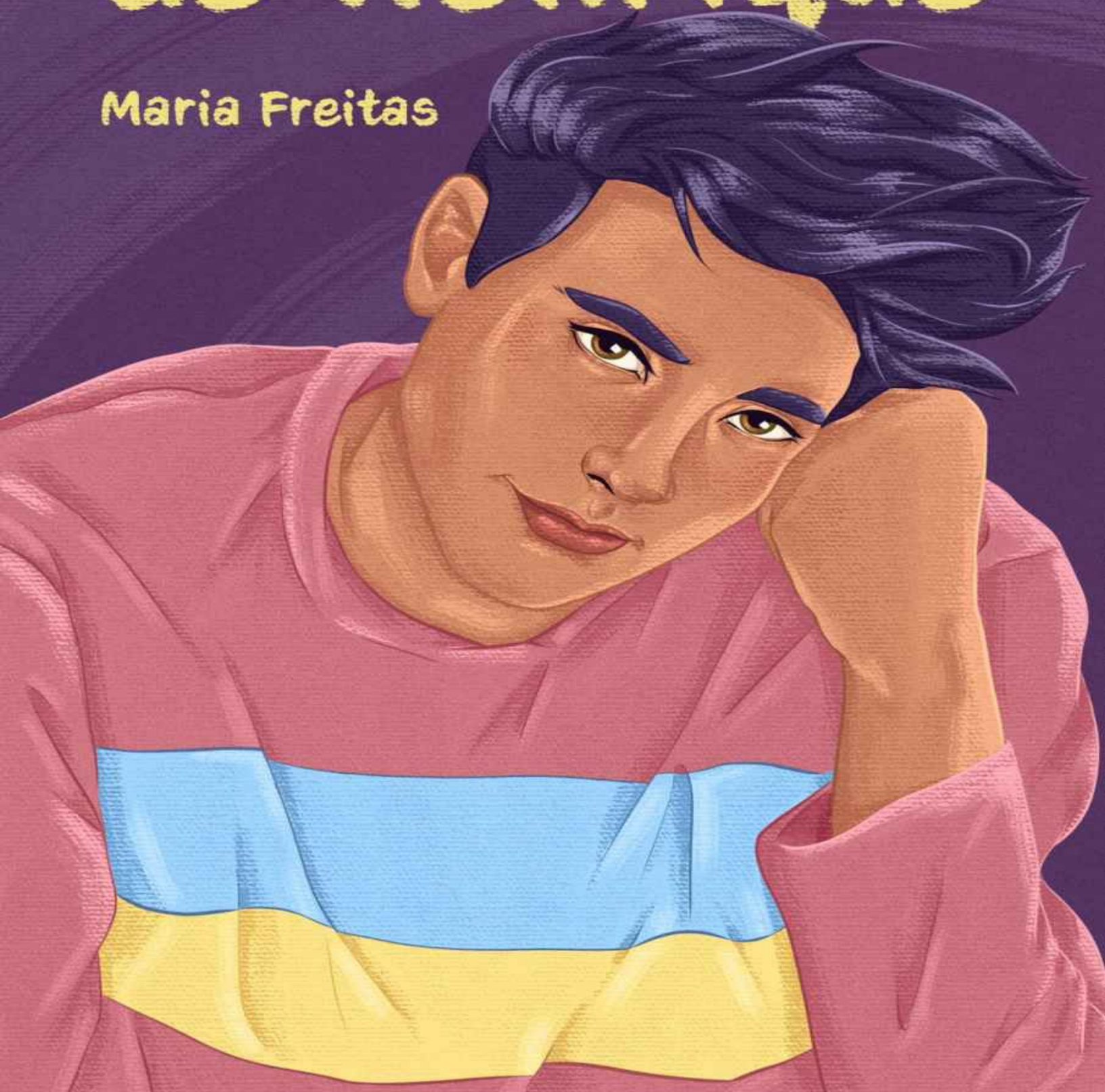


As razões de Henrique

Maria Freitas





As razões de Henrique

Para Alan

Por três motivos:

1- Você foi a primeira pessoa a apontar problemas na construção do Henrique como bissexual. Se esse personagem ganhou páginas próprias, a culpa é sua.

2- Ao entender o Henrique, acabei compreendendo a mim mesma, nomeando aquilo o que eu sou. Se esta autora hoje escreve que é bissexual na biografia dela, a culpa é sua.

3- Foi você que, através de O amor está no ar (que nos aproximou mais do que qualquer outra coisa), me fez enxergar que meu caminho era na literatura LGBTQIA+. Se hoje escrevo o que escrevo, se sou o que sou, a culpa é sua.

Você disse que o Henrique é a pessoa que você gostaria de ser. Acho uma tremenda bobagem, porque eu te amo do jeitinho que você é.

Todas as páginas do Henrique são suas

Nota da autora

Esta é uma versão editada e revisada de **As razões de Henrique**. Se você já leu a história publicada anteriormente, saiba que foram feitas mudanças importantes aqui, como a retirada de um personagem, mudança de nomes, cenas e definições sobre o que significa ser bissexual.

As razões de Henrique nasceu em 2018, quando eu, como pessoa e escritora, estava em outro lugar na minha vida. Esta edição reflete minhas mudanças de pensamento e postura. Mas a essência continua a mesma.

Devo ressaltar que é uma novela sobre a vida de um adolescente imperfeito, em uma sociedade extremamente bifóbica. Aproveito para oferecer alguns panos para você passar para o Henrique, caso queira.

E lembro que **As razões de Henrique** faz parte do universo de [As razões de Cris](#) (que atualmente também precisa de uma revisão para consertar possíveis erros, furos e definições ruins) e de [Mas... e se?](#), primeiro conto da série **Clichês em rosa, roxo e azul**.

Enfim, espero que goste da história. Escrevi com amor.

Capítulo 1

Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas

A luz do quarto se apagou de repente. *Droga*, o garoto pensou, batendo no caderno onde escrevia uma canção.

— Miséria de luz! — praguejou baixinho, temendo acordar as irmãs e a mãe.

Ele não podia parar de escrever, senão esqueceria a música que veio à sua cabeça no exato momento em que se deitou na cama. Era sempre assim, já estava até acostumado a ignorar as melodias que nasciam sempre que aquietava um pouco a mente. Mas aquela era boa demais para ser deixada ao esquecimento.

Ele pensou em se levantar e ir escrever na sala, onde, provavelmente, a lâmpada estaria funcionando — a não ser que a energia da cidade inteira tivesse acabado.

— Será possível?

O garoto correu para olhar pela janela. Para o seu azar, o breu cobria toda a rua. *Chuva*, ele notou quando um relâmpago iluminou a noite. Como não havia escutado os trovões? Estava tão imerso naquela melodia que nem tinha se dado conta de que um temporal havia se aproximado.

— A tempestade é da cor dos seus olhos... Não, alguém já escreveu isso... Quem foi? — perguntou a si mesmo enquanto caminhava até a cozinha, com o passo mais leve que conseguia dar. Tinha que achar uma vela. — Ah, Legião. Droga, Renato, você já teve todas as boas ideias.

Ele parou à entrada do cômodo e olhou ao redor. Lembrou-se de que a mãe costumava guardar a caixa sobre a geladeira. Foi até lá e encontrou a embalagem vazia.

Em meio àquela escuridão, um raio caiu, iluminando o ambiente. Logo em seguida, o barulho do trovão, vindo lá de fora, retumbou pelo cômodo. Depois, outro clarão e outro e outro.

— Ah, menino! Olha só... — sussurrou para si mesmo. Foi correndo até o quarto, pegou o caderno sobre a cama e se sentou no chão, embaixo da janela, com as cortinas abertas. Repassava a melodia na cabeça enquanto o breu tomava conta e aproveitava a luz do relâmpago para escrever as frases que compunha.

Escuridão, melodia. Luz, letra.

Uma não existe sem a outra.

— Henrique? — Ouviu a voz de uma garota chamá-lo baixinho. Antes que tivesse forças para abrir os olhos, as mãos dela sacudiram seus ombros.

— Ai, que foi, Vanessa?

— Cê dormiu aí, seu idiota?

— Hã?

— Cê dormiu no chão? Levanta daí, antes que a mãe veja. Anda.

Ele obedeceu à irmã, ainda desnortado, mas, ao ver a cama, inclinou o corpo para cair sobre ela.

— Nem sonha em deitar nessa cama. Olha a hora que já é! — Vanessa o puxou pelo braço. — Você tem que ir pra escola hoje.

— Mas a chuva...

— Não foi o fim do mundo, não, Henrique! — Ela o empurrou até o banheiro. — Toma um banho, escova os dentes, porque hoje é o seu primeiro dia de aula. Caso tenha esquecido.

— Vanessa! — Uma mulher gritou de outro cômodo. — A energia ainda não voltou.

— *Se fodeu!* — A garota riu, antes de fechar a porta do banheiro. — Vai ter que tomar banho gelado.

Henrique não respondeu, ainda nem havia acordado direito, mal se recordava por que tinha dormido no chão do quarto. A água fria seria boa para acordá-lo, para trazer de volta as memórias da noite anterior. Enquanto as gotas caíam, ele se lembrou de sentar embaixo da janela para escrever uma música, recordou alguns trechos desconexos e partes da melodia e pediu aos céus que tivesse anotado tudo.

Ao sair do banheiro, deu de cara com uma mulher de cabelos castanhos e alisados e olhar impaciente. Ela o aguardava.

— Espero que não tenha problemas nessa escola também — ameaçou com os braços cruzados. — É a única da cidade. Então tenta, por favor, não pular o muro *sem querer* para namorar escondido de novo.

Ele queria dizer a ela que nunca tinha feito aquilo. Queria dizer que, na verdade, estava fugindo das perseguições dos colegas das outras escolas onde havia estudado. Mas não disse. De qualquer forma, dessa vez, Henrique desejava fazer diferente. Não aguentava mais ser chamado de “viadinho”, “boiola”, “bicha”. Não iria dar motivos para que ninguém o chamasse assim.

Como se isso estivesse mesmo em suas mãos.

— Vou tentar, mãe.

— Acho bom. — Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijinho na testa do filho. — Termina de se arrumar logo e vem almoçar. Não quero atrasos — avisou, antes de se retirar para a cozinha.

Foi nesse momento que o garoto se deu conta de que havia dormido mais do que a cama — ou que o chão, no caso. Odiava quando isso acontecia. Detestava perder tempo. Sabia que o relógio andava rápido demais. Sentia como se estivesse sendo levado pela correnteza de um rio; cada vez mais veloz, nunca parando. Onde será que sua enxurrada terminaria? Em que ponto estaria seu oceano? Em que momento suas águas lamacentas encontrariam a vastidão do mar? Em qual segundo, entre seus milhões de segundos, desaguaria?

Henrique não queria perder ainda mais tempo pensando em bobagens existenciais, então caminhou até o local onde havia dormido, pegou o caderno no chão e analisou a canção, escrita com uma letra desleixada. Mal conseguia compreender as próprias palavras e acabou sendo forçado a buscá-las na memória. Era uma música sobre mudanças. No começo, o garoto até tinha tentado escrever sobre o amor, mas o recente divórcio dos pais e o fato de ele nunca ter se apaixonado o fizeram mudar o foco.

A separação dos pais é um acontecimento traumático para a maioria das pessoas. Para Henrique não. Sentia-se aliviado. Não conseguia entender por que duas pessoas, infelizes juntas, fariam tanto esforço para manter algo que já havia dado errado. Fracasso é não saber a hora certa de desistir, o momento oportuno para abandonar o barco e começar a nadar. Ninguém é obrigado a afundar junto com um relacionamento.

Isso não significava, é claro, que essa mudança não tivesse impacto sobre sua vida.

Examinou a letra da música mais uma vez, conseguindo identificar melhor as palavras agora que se lembrava do tema. Tentou avaliar se tinha valido mesmo a pena perder uma noite inteira de sono por ela.

Não tinha.

Terminou de se arrumar, almoçou depressa, colocou a mochila nas costas e saiu para a escola, com uma certa expectativa. Não gostava muito do ambiente escolar — não tinha paciência para ouvir professores muito lentos, mas lhe agradava aprender coisas novas. Não que fosse inteligente para os padrões e cobranças escolares; é que o negócio dele era a arte. Via na

expressão artística a chance de escapar um pouquinho, de atingir o outro, de mudar o mundo.

De transformar a si mesmo.

A fachada da escola foi sua primeira decepção. *Que lugarzinho caindo aos pedaços!* O interior foi a decepção seguinte. Esperava que, pelo menos, fizesse algum amigo ali. Não costumava ter dificuldade de se aproximar dos outros alunos. O problema era que, uma vez que as pessoas começavam a conhecê-lo melhor, seu jeito livre e desbocado ia afastando, lentamente, cada uma delas.

Você é mau, Henrique, uma voz fina disse em sua cabeça. A quem pertencia? Não sabia. Talvez fosse uma mistura das vozes que já haviam lhe dito aquela mesma frase. Elas tinham razão? Não importava mais. Era hora de recomeçar, de crescer, de deixar para trás.

Estudou o pátio, que ficava bem no meio da escola, dividindo todo o restante do prédio. Observou as portas, localizadas nos pavimentos que cercavam a área, e até pensou em contá-las, mas ficou com preguiça. Analisou os colegas, sentiu que dificilmente se encaixaria ali, nem mesmo se usasse toda a sua alta capacidade de comunicação.

— Oi — ele chamou uma garota de cabelos castanhos, amarrados, vestida com o uniforme todo branco, exceto pelo brasão azul, pintado na altura do peito esquerdo. *Que coisa horrorosa!*, pensou, encarando o símbolo redondo que parecia ter sido carimbado ali.

A garota, impaciente, olhou para ele, avaliando as roupas que o garoto usava. Não era o uniforme da escola.

— Você sabe me dizer onde fica a sala do primeiro ano? — perguntou, gentil e sorridente, como sempre.

— Fica lá, ó. — Ela apontou para a última porta, do lado direito.

— Obrigado. — Henrique nem tentou puxar assunto com a garota. — *Cara feia, pra mim, é fome!* — resmungou baixinho, ao passar por ela e

seguir em direção à porta indicada.

Caminhou com a mesma pressa com que vivia, quase tropeçando nas próprias pernas, longas e finas. Passou pela porta, pintada com uma tinta cinza gasta e desbotada, e entrou na sala. Lá dentro, havia apenas uma pessoa. A garota magra, de longos cabelos cacheados e pele negra, estava em pé organizando seu material sobre uma das mesas, quando olhou para ele com curiosidade e sorriu.

— Você é o garoto novo?

Henrique se perguntou como ela poderia saber.

— Sou.

— Eu sou a Malu — ela se apresentou, caminhando na direção do rapaz.
— Bem que minha mãe me falou que a gente teria um novato.

— Sua mãe?

— Sim, ela é a diretora — explicou, como se aquilo não fosse importante.

— Ixi, então é melhor eu ficar bem longe de você — brincou, se afastando da menina e escolhendo uma carteira no fundo da sala. Colocou a mochila sobre a mesa e olhou de soslaio para a garota.

— Meu filho, a melhor coisa que você faz é ser meu amigo. Vai por mim... — Com um sorriso, Malu pegou suas coisas e colocou sobre a mesa ao lado da dele. — E você, por um acaso, tem nome?

Ele sorriu.

— Tenho. É Henrique.

— Então, Henrique, preparado para viver altas aventuras nessa cidade badalada? — ela debochou.

— Preparadíssimo — ele respondeu com o mesmo tom, sentando-se na

cadeira. Nunca havia sido acolhido em escola nenhuma antes, nem tinha passado por sua cabeça a possibilidade de que ali ele pudesse se sentir bem. Mas ele se sentiu, assim que Malu se sentou na cadeira do lado dele.

— E você, o que tem pra me contar sobre sua vida? — Malu perguntou para ele, mas olhava para os colegas que entravam na sala.

— Ah, nada de muito interessante. Canto, toco violão...

— Sério? Que legal, minha irmã também!

Henrique ficou curioso com a maneira como os olhos de Malu brilharam ao falar da irmã.

— É mesmo? Como ela se chama? — Desviou o olhar para um buraco enorme na parede sobre o quadro verde-escuro. O murmurinho dos colegas chegando, rindo e conversando alto, cobriu a resposta de Malu. — Como? — Ele aproximou o rosto do dela.

— Cris.

Capítulo 2

Mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira

Durante as primeiras semanas em Santa Maria Madalena, Henrique até havia tentado se aproximar de outras pessoas na escola, mas elas não eram tão acolhedoras como Malu.

Foi na igreja onde conseguiu interagir com um grupo maior de pessoas. Henrique gostava de falar sobre música, conhecer bandas novas, aprender sobre os artistas dos quais gostava e até os que não lhe agradavam muito. Havia crescido naquele ambiente, porque seu pai sempre o levava às missas, e ele gostava de ir, gostava de participar, gostava de ouvir os hinos sendo cantados.

Logo se juntou aos meninos do grupo de jovens e montaram um ministério de música. Ainda que o padre exigisse que só tocassem música cristã como as do Padre Zezinho (que ele gostava bastante, apesar de não admitir), era ali onde Henrique se sentia mais à vontade, onde podia ser e se conectar com algo maior do que a própria existência.

A morte sempre foi um mistério que o garoto não queria encarar. Não gostava de imaginar o quão pequeno era o tempo das pessoas na Terra, nem de refletir sobre a pequenez de cada ser perante o mundo. Ao mesmo tempo, julgava cada ser humano como gigantesco, único e insubstituível. Via a si mesmo como infinito demais para caber dentro de um tempo limitado.

Talvez por isso se agarrasse tanto à religião. Via em Cristo a oportunidade de estender sua vida, sua importância. Encontrava na igreja o remanso para sua pressa. Quando estava ali, não corria. Sentia-se expandido, parte de algo maior do que o próprio infinito individual que era, sentia-se

completo.

Isso até conhecer Rodrigo no Retiro de Oração Jovem, o primeiro encontro religioso do qual Henrique havia participado em Santa Má. Depois daquele dia, nunca mais se sentiu verdadeiramente em paz dentro da igreja.

Henrique tinha ficado tão ansioso porque aquela seria a primeira vez que tocaria para mais pessoas. Antes, seu maior público havia sido na festa de formatura de sua turma da oitava série. Agora, se apresentaria para jovens católicos de toda a região.

Os clássicos louvores animados e as músicas dos Cantores de Deus e Anjos de Resgate já estavam na ponta da língua quando ele subiu no palco do ROJ. Escondido atrás da imitação de Les Paul vermelha e laranja da igreja de Santa Maria Madalena, com as mãos suando e o coração acelerado, o garoto podia ser quem era, fazer o que amava.

No meio da multidão, de frente para o palco improvisado, os olhos pretos de Rodrigo estudavam Henrique, presos nele, incapazes de se perder em outra direção. Era impossível não notar a fixação do rapaz. De cima do palco, Henrique o viu, um garoto negro, de cabelos raspados e um sorriso tão aberto que parecia iluminar ainda mais o ambiente. No meio da capela de “Iguais”, do Cantores de Deus, notou que Rodrigo não cantava e se pegou esquecendo de cantar também.

Tentou lutar contra a vontade repentina de se aproximar do rapaz e perguntar se ele havia perdido algo ali, porém temeu que a resposta fosse “sim”. Não estava pronto para lidar com aquilo que tentava esconder.

Henrique sempre soube que gostava de meninos, mas, quando era pré-adolescente, pensava ser normal gostar tanto do melhor amigo. Era natural. Até que os colegas da escola começaram a chamá-los de “bichas”. Foi quando Afonso se afastou, deixando Henrique completamente perdido.

Foi a primeira escola da qual o garoto foi expulso. Não a última. Sempre que alguém começava a implicar com seu jeito, com sua tendência a fazer amizade com meninas, com sua impaciência para ouvir os assuntos dos meninos, Henrique dava um jeito de infringir as regras e ser punido. Para a

sua sorte, a mãe sempre conseguia um colégio novo e ele nunca repetiu um ano letivo sequer.

Quando soube que Débora havia conseguido um emprego no interior, após a separação, Henrique teve medo de ser, mais uma vez, perseguido pelos colegas de escola. Mas, no fundo de seu coração, esperava que em Santa Má sua sorte fosse outra.

No fim da apresentação, desceu do palco e tentou se misturar à multidão, mentindo para si ao dizer que seu instinto o traía, que o garoto não o estava encarando de forma estranha. Mas não tinha certeza se acreditava na própria ilusão. Começou a se sentir sufocado ali, então caminhou para longe das pessoas, até o local onde ficavam os alojamentos dos jovens.

Para a sua sorte, todos estavam participando das atividades no grande salão onde o show acabara de acontecer e não havia ninguém ali, na calmaria dos colchões espalhados pelo chão do alojamento dos meninos. Deitou-se no colchonete que tinha levado, fechou os olhos e pensou em João 15:12.

Que vos ameis uns aos outros...

— Você deveria cantar mais — uma voz grave falou. Henrique abriu os olhos e encarou o rapaz negro e alto, em pé perto da porta. Os cabelos dele eram curtinhos, como se tivessem sido raspados e comesçassem a crescer. — Seu tom é bonito, rouco. A melhor parte do show foi quando você cantou.

— Obrigado — limitou-se a dizer. Não queria muito assunto com aquele sujeito. Algumas portas não deveriam ser abertas.

— Meu nome é Rodrigo. — O outro tentou iniciar a conversa, se aproximando do lugar onde Henrique estava, ao ver que sua primeira tentativa não havia surtido efeito algum.

— Henrique. — Ele se sentou no colchão e estendeu a mão para cumprimentar o rapaz. Em seguida, tornou a se deitar.

— Por que você veio pra cá? — Rodrigo se sentou no colchonete ao lado do de Henrique.

— Pra ficar sozinho — respondeu, ríspido demais.

— Posso ficar sozinho com você?

Henrique não conseguiu segurar o sorriso.

— Uma coisa elimina a outra, Rodrigo.

— É claro que não. Nós estamos aqui e estamos sozinhos. — Ele abriu um sorriso enorme. Henrique não disse nada, apenas ficou observando o rapaz se deitar. — Espero que o dono do colchonete não se incomode.

Eu também espero, respondeu aquela voz dentro de Henrique. *Aquela* que ele não podia permitir que escapasse. Mas estava tão cansado de reprimi-la. Às vezes, tudo que queria fazer era gritar até que extravasasse toda a frustração que sentia.

Uma outra voz, que costumava controlá-lo, ecoou dentro dele: *Levante-se daí, Henrique. Volte para o louvor. Você sabe no que vai dar se ficar aí deitado ao lado desse rapaz. Levante-se.*

Era estranho como aquela voz aguda era familiar, como se ouvisse a própria mãe falando, como se a ouvisse reproduzindo o eco da sociedade.

— Eu também — ele deixou escapar, e viu um sorriso quase minúsculo se abrir na boca de Rodrigo.

Capítulo 3

Acho que estou gostando de alguém

Henrique não conseguia tirar Rodrigo da cabeça, pensava no garoto o tempo todo. Ouvia a voz rouca dele rindo e ficava repassando na mente todos os detalhes do dia em que o conheceu. E depois desses pensamentos, vinha a culpa. A culpa por sentir o que sabia que não deveria estar sentindo.

— Ei, Henrique! — Ouviu a voz de Malu o chamar baixinho. Olhou para o lado esquerdo e viu o olhar de desaprovação da garota preso nele. — Você me ouviu?

— Não.

Malu revirou os olhos.

— Eu falei das músicas da nossa apresentação na semana que vem. Você já aprendeu todas? — perguntou, sussurrando para não chamar a atenção do professor. Não que ela precisasse, porque os burburinhos dos colegas em conversas paralelas, sem dar atenção ao que o homem dizia, fazia com que fosse quase impossível que ele a ouvisse.

— Já — Henrique mentiu, esfregando uma mão na outra, em um gesto impulsivo, e tentando se lembrar onde havia anotado os nomes das músicas que ele, Malu e mais dois colegas tocariam na festa da escola.

— Amanhã de manhã nós vamos ensaiar lá em casa.

— De manhã? Por que não à noite? — Ele bateu, de forma nervosa, o lápis no caderno.

— Porque de manhã não tem ninguém em casa.

— Sua irmã não vai estar?

— Pra que você quer saber?

— Nossa! — O garoto fingiu indignação.

— Sério, Henrique! Minha irmã tem *doze anos*! — ela protestou, nervosa, tentando manter a voz baixa.

— E eu tenho quinze! Não precisa dessa paranoia toda, só quero trocar umas ideias com ela sobre música. Não sei se você reparou, mas não tem muitos músicos *de verdade* da nossa idade por aí...

— E eu e os meninos não somos músicos *de verdade*?

— Vocês só cantam... e bem mais ou menos. Tô falando de gente que *entende mesmo* de música.

Ela revirou os olhos.

— A Cris não tem a nossa idade.

— Você entendeu o que eu quis dizer...

Malu o encarou por alguns segundos e se afastou um pouco, olhando para o professor que escrevia no quadro um conteúdo que poucos ali escreveriam no caderno. Depois se voltou para Henrique novamente.

— Não. Ela não vai estar em casa. A Cris estuda de manhã.

— Ok, então. Que horas?

— Oito.

— *Putá que pariu* — protestou, voltando o olhar para o caderno, onde ele mesmo não havia anotado nada. *Vou ter que aprender cinco músicas de hoje para amanhã. Tô lascado!* — A Dona Desgraça não vai estar, né?

Malu deu um tapa no ombro do amigo.

— É minha mãe!

— Todo mundo chama ela assim!

Ela revirou os olhos de novo.

— Não vai estar.

O garoto não sabia o que era pior: acordar cedo, tentar aprender as canções de maneira convincente, ou ter que aturar a cara de Marcelo e Renata, os melhores amigos de Malu, logo de manhã. Mas aprendeu as músicas mesmo assim, acordou cedo, aturou os garotos e não conheceu Cris.

— Já te disse que o Reginaldo não será capaz de me abalar, Malu.

Henrique caminhava pelo pátio da escola, com a mochila jogada no ombro. Despreocupado, como sempre. Era o dia da apresentação na escola, durante o horário das aulas finais, e Henrique já estava com as músicas na ponta da língua.

— Mas se você não socar a cara dele, ele vai continuar te chamando de, você sabe... — Ela aproximou os lábios do ouvido do garoto e sussurrou: — *Boiola*.

— *Boiola* é tão *old fashion*, Malu! — ele respondeu, ainda despreocupado. — E eu não vou socar a cara de ninguém. Gente como o Reginaldo apanha da vida, mais cedo ou mais tarde.

— Vai nessa... — Ela chegou até a porta da sala, parou, se virou e encarou Henrique, com a testa franzida. — Cê não esqueceu nada, não?

— Ai, droga, o violão!

— Só não perde a cabeça porque ela está agarrada no pescoço, né? Por Deus...

— Ah, como eu sou burro! — Ele bateu a mão na testa. — Burro!

— Vai na sua casa buscar. Não é tão longe! — Malu o empurrou de leve. Mas ele ainda estava parado, olhando para ela. — Vai.

Então ele foi caminhando pelo pátio, em direção à saída da escola.

Na rua, correu.

Assim como a vida, Henrique também tinha pressa. Não gostava de esperar por nada. Não achava que o tempo era amigo de ninguém. De fato, não era. O garoto sabia que, assim como ele naquele momento, a areia da ampulheta de sua vida também corria. Para baixo. Cada vez mais veloz.

Em casa, encontrou Vanessa deitada no sofá, assistindo ao SBT.

— Fugiu da escola? De novo, Henrique? — ela perguntou.

— Não, palhaça! Vim aqui pegar meu violão.

— Vai ficar tocando violão na aula outra vez? Se a sua professora de inglês reclamar com a mãe de novo...

— Tem apresentação hoje, Nessa. Me deixa!

— Só quero o seu bem, Henrique! A mãe vem falar é na *minha* cabeça.

— Se você arrumasse um serviço, ela não te encheria tanto... — declarou, com um sorriso maldoso, e saiu correndo da sala.

— Eu vou dar na sua cara, moleque! Volta aqui! — Mas ela não se levantou. Estava com preguiça demais para se dar ao trabalho. — Me respeita que eu troquei suas fraldas! — reclamou quando o garoto voltou a aparecer na sala, agora com o violão preto nas mãos.

Não trocou, não.

— Cola lá, Nessa. Vai ser legal!

— Tá, vou pensar no seu caso.

Ele respondeu soltando um beijinho no ar e fechou a porta metálica da casa simples, onde morava com a mãe e duas das três irmãs mais velhas. Vanessa era sua preferida. A mais velha dos quatro irmãos foi quem praticamente criou o garoto. Henrique arriscaria dizer que foi a primeira pessoa que amou, antes mesmo da mãe, tão ausente e tão trabalhadora.

Foi seguindo pela rua, em direção à escola. Quando chegou, Malu já estava no pátio, esperando por ele perto da entrada.

— Me faz um favor?

— Faço, uai.

— Senta aí e espera minha irmã — pediu, apontando para a escadinha de três degraus que dava acesso a algumas salas da administração da escola. — Eu tenho *uns trem pra* resolver. O pessoal já começou a chegar. — Ela estava afobada.

— Quer ajuda?

— Quero, uai. Estou pedindo pra você ficar aí esperando minha irmã.

Henrique não entendeu o motivo daquela preocupação com Cris. Por que razão alguém deveria esperar por ela? A garota podia muito bem fazer como todos os outros convidados: se virar sozinha.

— Pra quê?

— Ela tem *doze* anos, Henrique! — disse, em um tom de alerta. — Tem muitos meninos mais velhos aqui... — Ela o encarou, apertando os olhos.

— E daí? Você fala como se ela fosse um bebê que precisa de atenção o tempo inteiro... Para de ser tão superprotetora! — Ele deu um chutinho no ar, pensando se aquele seria um bom momento para confessar à amiga que achava que não gostava de meninas. *Não se preocupe, não sou um risco para a sua irmã três anos mais nova que eu...*

Não disse nada, apenas observou Malu revirar os olhos e sumir pátio afora.

Ele se sentou no terceiro e último andar da escadinha. Deixando-se levar pelos pensamentos, pegou o violão e dedilhou uma melodia da Legião Urbana. Já há algum tempo queria entender por que era diferente. Tinha certeza que a mãe não aceitaria muito bem aquela ideia de ele gostar de meninos. Nem ele mesmo aceitava. A igreja não aceitava. A sociedade não aceitava. *Ninguém* aceitava.

Só Vanessa o apoiaria, ele tinha certeza. Talvez Malu também. Ela era uma boa amiga, tinha a mente aberta, era até um pouco fora da casinha demais. Mas não sabia se a aceitação delas seria o suficiente.

A briga interna que tinha consigo mesmo não queria calar. Por mais que negasse, sabia, tinha certeza, que a maneira como olhava e como se sentia quando via alguns garotos era totalmente diferente do *normal*. Não era para ele *querer* aquelas coisas.

Por que nenhuma garota mexia com ele daquele jeito?

Malu, por exemplo, era legal, bonita, mas *faltava* alguma coisa nela. Já havia, sim, pensado em outras garotas como mais que amigas, mas nada que mexesse com ele como alguns garotos mexeram. Por outro lado, jamais gostou de ninguém de verdade. Não *daquele* jeito.

Só Rodrigo. Naquele dia. Naquele encontro do grupo de jovens.

As vozes foram aumentando de intensidade, enquanto os colegas passavam por ele indo se juntar a outras pessoas no pátio. Já estava ficando tarde; Julinho, o porteiro, já havia fechado o portão, quando alguém bateu quatro vezes e chamou por ele.

O homem abriu um sorriso para a garota que entrava e a chamou pelo nome. Ela também sorria, não só com a boca, mas com os olhos, com o corpo inteiro. O cabelo amarrado de qualquer maneira, o uniforme branco de quem teve preguiça de trocar de roupa ao chegar em casa. A menina não tinha feito questão nenhuma de se arrumar para aquele evento. Henrique não sabia o porquê, mas gostava daquilo.

Gostou *dela*.

Mas foi quando Cris levantou a cabeça e seus olhos castanhos se encontraram com os dele que Henrique teve certeza: ela brilhava.

Como aquilo era possível? Ele ficaria a vida inteira tentando achar uma explicação e não teria sucesso.

A verdade é que, mesmo com aquela pele negra, muitos tons acima da dele e da de Malu, Cris era luz.

Ele caminhou até ela.

— Você é a irmã da Malu?

— Sou.

Ele sorriu e a menina também. Um sorriso que iluminava tudo ao redor: os olhos, o formato da bochecha. O rosto dela inteiro sorria.

— Ela me pediu pra esperar você aqui. — Henrique começou a andar, como quem pede para ser seguido. — Você toca também, né? Malu me disse.

— Sim — respondeu, sem estender o assunto.

— Que legal! E você gosta de quê?

— Rock.

— Hum! Eu também. Na verdade, gosto de tudo. Tudo mesmo.

— Oi! — Malu gritou, correndo do outro lado do pátio ao avistá-los. — Ah, Cris, esse é o Henrique — ela apresentou, ofegante.

— Nome legal — a menina comentou, sem emoção.

— Eu ainda tenho que ajeitar algumas coisas, então vou deixar você com a Cris, Henrique. Mas, olha aqui, garoto. Você não coloque seus olhos de hiena sobre a minha irmã, viu? Ou arranco teu pescoço!

Henrique ficou sem reação. Sentiu uma vergonha praticamente inédita.

— Não preciso da sua supervisão, Malu. — Cris revirou os olhos e, por um breve segundo, ficou extremamente parecida com a irmã. — E ele não precisa ficar me fazendo companhia, o Pedro estuda à tarde. Vou me encontrar com ele...

— A mãe não gosta que você ande com esse menino.

— A mãe não gosta que eu saia de casa sozinha, e saí mesmo assim para vir aqui ver essa sua apresentação...

Henrique sentiu vontade de rir com a resposta direta que a menina deu à irmã.

— Ah, que seja! — a mais velha resmungou, antes de virar as costas e sair com pressa pelo pátio.

Henrique observou a amiga se afastar, reparando em como ela e Cris eram diferentes. A mais nova era mais escura, tinha os olhos mais claros e era mais gorda que Malu. No entanto, para o garoto, mesmo com poucas semelhanças, era como se já conhecesse aquela menina. Sentiu-se à vontade ao lado dela. Não conseguia compreender o motivo.

— Sua irmã fala tanto de você que pensei até que te conhecia. Desculpa não ter me apresentado — o garoto disse, por fim.

— Ah, não tem problema. — Pela primeira vez, a voz da garota soou suave.

— Você canta? Tem uma voz boa.

— Canto, mas não em público.

— A banda lá da igreja está precisando de uma menina que cante bem...

— É aquele ministério novo?

— Sim! — ele respondeu, sorrindo orgulhoso.

— É... Está mesmo!

— Nossa, você é bem sincera! — Henrique soltou uma gargalhada.

— Desculpa. — Cris sorriu, constrangida. — É que domingo passado estava terrível...

— Eu sei — admitiu. — Mas você viu nossa apresentação no ROJ?

— Ah, eu não fui. Sou muito nova. — Ela revirou os olhos.

— Lá estava legal...

Cris olhou para o garoto de soslaio, desconfiada.

— É sério! — ele continuou. — Mas eu sei que o grupo não está lá muito bom...

— E você, não canta?

— Até canto. Mas prefiro tocar guitarra. — Henrique caminhou até uma pilastra, se escorou ali, ajeitou o violão e tocou algumas notas. — Vamos fazer um teste? Conhece Legião? — Nem esperou a menina responder, já começou a tocar “Tempo Perdido”.

— Fá.

— Quê?

— Eu não canto essa música em dó, canto em fá.

— Ah! — Ele corrigiu, tocando a sequência das notas no tom da menina.

— *Todos os dias quando acordo* — Cris cantou com a voz forte e, ao mesmo tempo, suave. Henrique arregalou os olhos, em surpresa. — *Não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo...*

— *Temos todo o tempo do mundo...* — O garoto fez a segunda voz. E

ela sorriu.

Em todos os seus quinze anos, Henrique nunca havia sentido o coração bater tão forte no peito.

O que diabos estava acontecendo?

Capítulo 4

Será só imaginação?

Cris era a garota mais incrível do mundo! Inteligente, sincera, bonita, talentosa, divertida. Era impossível conhecê-la e não se encantar por ela. Henrique ficou horas acompanhando a garota durante o evento na escola e não foi porque Malu havia dito para ele fazer aquilo, foi porque ele quis, porque não conseguiu se desprender dela.

A mente do garoto virou um nó. Nunca havia sentido nada parecido por uma menina e agora estava ali, grudado em Cris o dia inteiro, indo para onde ela ia, conversando com quem ela conversava. Até a hora da apresentação de Henrique, ficaram juntos.

Minha irmã tem doze anos!

— Eu sei! — disse para a Malu imaginária, enquanto a real entregava o setlist da apresentação para os colegas.

Ele também era muito novo; jovem demais para compreender aquele peso que carregava dentro de si. Só sabia sentir e sentia demais.

Mas, afinal, o que ele estava sentindo? Era só uma vontade de querer ficar perto de Cris, de conversar com ela, de cantarem juntos algumas músicas da Legião Urbana... *Só estar perto*. É que a maneira como ela falava fazia com que tudo parecesse mais interessante.

Ele ficou olhando para ela, do outro lado do pátio; alguns fios de cabelo, soltos do coque, caíam em seu rosto. Mas Cris estava olhando em outra direção, para o ponto onde um grupo de garotos da idade dela estava reunido.

Henrique não conhecia nenhum deles, nem queria conhecer. Só queria que ela olhasse para ele, que o notasse ali em cima. Então ela olhou e sorriu, ajeitando os fios soltos atrás das orelhas. E Henrique sorriu também, esticando as costas e se preparando para começar a tocar.

Agora eram dois olhares através da multidão que não saíam da cabeça de Henrique. Havia dias em que o garoto passava a noite inteira acordado, fazendo uma música atrás da outra, desejando que algum daqueles pensamentos e desejos fizesse sentido através das palavras que escrevia. Naquela manhã, ainda não tinha pregado o olho quando Alessandra, a irmã mais velha que ele, mas a mais nova entre as irmãs, entrou no quarto e se sentou ao seu lado na cama.

— Henrique, me fala uma coisa? — Ela parecia preocupada.

— Diga, Les.

— Você... — Hesitou. — Quem é Cris?

— Por que você quer saber? — Ele desviou o olhar da irmã para a mala que arrumava para o encontro da igreja, tentando entender de onde ela havia tirado aquela informação.

— Eu vi uma música no seu caderno...

— Você estava mexendo nas minhas coisas?

— Fui pegar um pedaço de papel e vi um trecho de uma música. Era pequeno e eu li. Foi sem querer.

— Você leu *sem querer*? — Henrique tentou fazer a irmã se sentir culpada, para escapar daquela pergunta, mas, ao ver o olhar curioso que Alessandra ainda lhe lançava, desistiu: — Cris é a irmã mais nova da Malu.

— Ah. — Ela suspirou, aliviada. — É uma menina!

— Você pensou que fosse um menino?

— Pensei.

— E se fosse? Qual seria o problema?

— Por mim, nenhum, né? Mas a mãe... Cê sabe como ela é!

— Sei... — respondeu, pensativo. O estômago embrulhou, e ele não sabia direito o que lhe causava mais náuseas: esconder o que sentia até para si mesmo, suportar a rejeição velada nos olhos da irmã ou temer a rejeição explícita da mãe. Débora jamais aceitaria um filho gay. Henrique admirava muito a força da mãe; afinal, não era fácil recomeçar em uma cidade do interior, com seus filhos adolescentes, após a separação de um casamento de vinte anos. Mas isso não o impedia de se preocupar com algumas ideias preconceituosas dela.

— Henrique... — Alessandra começou a falar, mas desistiu.

— Que foi, Les?

— Nada, nada. É bobagem! — Ela fez um gesto de descaso com a mão e se levantou. Henrique a observou ir embora, deixando-o sozinho no quarto novamente.

Mesmo sendo a mais nova das três meninas, Alessandra tinha mais maturidade que as duas mais velhas, Vanessa e Carol, e uma amizade muito grande com Henrique, o mais novo dos filhos. Enquanto Nessa o protegia, Les era a amiga que o salvava nos momentos de solidão. Era fácil conversar com ela.

Mas será que Alessandra o entenderia se ele tentasse explicar o que sentia? Como contar para a sua irmã que você está encantado por uma garota... e por um garoto também?

Henrique esperava de todo o coração que Rodrigo não fosse àquele encontro da igreja. O turbilhão de emoções dentro de si já era grande o suficiente; encontrar o rapaz não ajudaria em nada. Torceu para que Cris

fosse, mas, ao checar duas vezes o ônibus e não ver a menina ali, suspirou em decepção. Malu também não estava lá.

A verdade é que Henrique esperava que Cris pudesse ser sua salvação, a luz que o tiraria das trevas que trazia em si. Ele se iludia com o sentimento por ela, na esperança de que o devolvesse aos caminhos da luz divina, o livrasse daqueles pensamentos sobre Rodrigo, o curasse de sua própria natureza. Mal sabia ele que a doença que o matava aos poucos era outra, autoimune: sua própria defesa o estava matando.

Será que sua vida seria mais fácil se simplesmente acordasse e percebesse que tudo não passara de uma peça sem graça pregada por sua mente? Foi a pergunta que martelou sua cabeça durante quase toda a viagem. Será que seria mais aceito caso se relacionasse com Cris? Seria o que esperavam dele?

Meia hora de pensamentos foram dissolvidos no ar no momento em que avistou os olhos pretos de Rodrigo. O rapaz estava parado na calçada, analisando os rostos de cada pessoa que descia do ônibus, como se quisesse recepcionar alguém. Henrique sentiu o coração acelerar, a ponto de doer.

— Oi — Rodrigo o cumprimentou, com aquela voz profunda, assim que o garoto desceu os degraus do ônibus.

Confuso, Henrique olhou para os lados, desesperado por encontrar a pessoa que Rodrigo esperava, temendo que não houvesse ninguém. E não havia mesmo.

— Oi — ele respondeu, por fim.

— Andei pensando em você... — Rodrigo confessou, assim que todas as outras pessoas se afastaram. Abriu um sorriso tímido, os lábios cheios se destacando de forma graciosa em seu rosto.

— Eu também — Henrique admitiu em um impulso.

O sorriso de Rodrigo se alargou.

— Quero tanto conversar com você! Vem. — Ele foi puxando Henrique pela mão. Caminharam juntos pela calçada, em torno dos muros da igreja de Central de Mantena, cidade vizinha à Santa Maria Madalena, até chegarem a uma casa azul, com uma marca de enchente de um metro de altura. Rodrigo foi pegando uma chave e abrindo o portão, com a maior naturalidade do mundo.

— Você mora aqui?

— Moro.

— Ah! — Henrique se deixou ser arrastado para dentro da casa. Na sala, observou a televisão de quatorze polegadas, num suporte de metal, o tapete no chão, cheio de almofadas. E só.

— A gente perdeu quase tudo na enchente do começo do ano — Rodrigo disse ao perceber o olhar do outro garoto.

— Caramba!

— Pois é, foi foda — falou, displicente, enquanto caminhava pelo corredor até um cômodo. Henrique não o seguiu. Alguns segundos depois, Rodrigo voltou com uma pasta e se sentou no tapete da sala. — Tive algumas ideias, desde a última vez que a gente se viu.

— Que tipo de ideias? — Henrique se acomodou ao lado do rapaz.

— Gostei muito da sua voz. Muito mesmo! Eu e uma amiga estamos pensando em montar um ministério de música, para tocar nos eventos da região. E pensei que, talvez, você pudesse estar interessado.

Ministério de música? Era nisso que ele estava pensando?

— Claro! — Henrique conseguiu responder, apesar da sensação de soco no estômago ter afetado sua respiração. A voz saiu abafada.

— Eu vou pegar o teclado para te mostrar algumas músicas. Pode ser? — Rodrigo foi se levantando. — Ah, e desculpa eu ter praticamente sequestrado você.

— Não devo estar perdendo muita coisa. Geralmente, começo de encontro só tem aquelas apresentações chatas.

Lá fora, alguém chamou por Rodrigo.

— Entra, Clara! — o rapaz gritou de outro cômodo.

Uma moça branca, de cabelos castanho-claros e alisados, surgiu tímida pela porta.

— Oi, você é o Henrique, né? O Rodrigo falou muito de você. — Ela fez um gesto com a mão, cumprimentando-o sem jeito. — Eu sou a Clara.

— Oi.

— E aí, Clara? — Rodrigo voltou, trazendo um teclado. Colocou o instrumento no chão e ligou a fonte na energia antes de se sentar. A menina se sentou ao lado dele.

— Então, você topou entrar para o projeto? — Clara perguntou, olhando para Henrique de um jeito estranho.

— É... Bom, ainda não. Mas achei bem interessante. — Ele percebeu o olhar de expectativa que os dois lhe lançavam. — O problema é que vai ficar difícil para eu vir aqui ensaiar.

— Nós podemos dar um jeito nisso. — A voz grave de Rodrigo fazia o estômago de Henrique revirar.

— Mas vamos mostrar para ele algumas das músicas que queremos cantar — Clara sugeriu. — Aposto que está cansado de Cantores de Deus.

Pior que não estou! Ele sorriu sem graça.

— Boa ideia — Rodrigo concordou.

Eles, então, começaram a cantar algumas canções que Henrique nunca havia escutado antes. E, mesmo em um ambiente musical, continuava a se

sentir deslocado.

Ainda assim, por não saber dizer “não” e porque queria ficar perto de Rodrigo, Henrique topou entrar para mais um ministério.

Capítulo 5

Acho que gosto de São Paulo

— **Malu, o que a gente faz** quando está a fim de alguém, mas sabe que não vai rolar, e uma amiga dessa pessoa começa a dar em cima da gente? — perguntou Henrique, assim que viu a colega na sala de aula, no retorno das férias do meio do ano. O garoto tinha passado os meses antes do recesso indo e voltando para Central de Mantena, uma vez por semana, para os ensaios da banda. E acabou passando quase todas as férias na casa de Clara, ensaiando e se aproximando dos colegas de banda. Mas não tanto quanto gostaria. Pelo menos não de Rodrigo, que demonstrava não querer nada com ele.

— Espera, não entendi direito.

— Suponhamos que eu esteja gostando de uma menina, mas ela não me dá a mínima atenção. Aí, descubro que uma amiga dela está gostando de mim. O que fazer? — Ele odiava ter que *heteronormatizar* suas falas, mas não sabia como falar para Malu que estava apaixonado por um garoto.

— Não faço ideia.

— Poxa, Malu. — Henrique abriu os braços, em protesto.

— Uai, mas eu não sei mesmo. Só acho, assim, se a pessoa não te quer, ela que tá perdendo. Você deve seguir sua vida.

— É, né?

— Agora pensando seriamente na situação, você não está nem um pouco a fim dessa amiga que gosta de você?

— Acho que não... Mas, sei lá, que mal tem? A garota vive me olhando de um jeito estranho e me perguntando coisas sobre mim... E ela é legal! Até os pais dela gostam de mim.

— Henrique, o irresistível — debochou.

— Fazer o quê, né?

— Bobo! — Ela estapeou o braço dele e voltou a atenção para o professor que tinha acabado de entrar na sala.

Alguns minutos depois, Malu entregou para Henrique um bilhetinho, escrito em uma folha de papel arrancada do caderno.

Beija todo mundo.

Ele apenas olhou para ela e sorriu. Não achava que seguiria aquele conselho.

Mas seguiu.

A primeira vítima foi Clara.

Henrique achava estranho ensaiar com sua banda católica, tendo vontade de beijar alguém do mesmo gênero que o dele. Por meses, se sentiu mal, estranho e sujo. Era agonizante, como se fosse errado. Ele só não entendia exatamente qual era seu equívoco: *ser* ou se *permitir*.

E ele tentou muito não se permitir. Porém, por mais que tentasse, chegou uma hora que cansou de lutar sozinho.

Henrique sempre ficava calado vendo os colegas discutirem quais músicas tocariam. Sempre, em todos os ensaios, ele observava os dois enquanto tentava se entender. Mas, naquele dia, Clara havia se atrasado e Rodrigo estava tagarelando sozinho sobre a próxima apresentação.

Era um sinal?

— Ela tá na sua! — Era a quarta vez que Rodrigo falava aquilo. Mas

Henrique não estava escutando. — Henrique?

— O quê? — O garoto piscou.

— Eu disse que a Clara está muito na sua.

Henrique sentiu aquele mar de água gelada tomar conta de suas veias.

— Você acha? — No fundo, ele queria dizer: jura, Rodrigo? E você só notou isso agora?

— Lógico. Ela sempre concorda com tudo o que você sugere, vive falando de você para todo mundo... Eu, no seu lugar, pegaria. A Clara é a menina mais gata da cidade.

Ah, é? Henrique não achava. Ela era bonita, mas, para ele, não tinha nada de mais.

— Realmente — ele concordou, no entanto. Não queria que Rodrigo desconfiasse que havia algo estranho nele. Não queria que passasse, nem por um segundo, pela cabeça do rapaz que Henrique não gostava de garotas, mesmo que gostasse... *também*.

Clara só não fazia seu tipo. *Não é porque eu gosto de pessoas que devo gostar de todas as pessoas.*

Ele saiu do salão paroquial e foi para a rua, para respirar um pouco do lado de fora. Viu Clara se aproximar com sacolas de supermercado nas mãos. Ela era tão branca que olhar para ela sob a luz do sol chegava a doer. Às vezes, Henrique olhava para a garota, tão baixinha, pequena e delicada, e sentia que podia quebrá-la com o primeiro toque.

Henrique odiava quebrar coisas.

— Pelo amor de Deus, me diz que isso é uma coxinha! — ele disse, assim que ela se aproximou.

— Não só uma coxinha. São *várias* coxinhas! — Clara sorriu ao lhe entregar uma das sacolas.

— Glória a Deus! — Ele abraçou o pacote de papel, assim que o retirou da sacola. E sentiu, pela primeira vez, que poderia abraçar Clara também. Não seria uma ideia tão ruim assim se aproximar dela. — Você é um anjo do Senhor.

A menina sorriu, e o coração de Henrique apertou. Mas, no fundo, sabia que deveria seguir o conselho de Malu. Se Rodrigo não estava interessado, que mal faria dar uns beijos em Clara?

— Tá aí uma coisa que a gente poderia fazer depois do ensaio, Clara... — ele começou a dizer.

— Oi? — A garota não entendeu.

— A gente podia sair e comer mais coxinhas... Você trouxe poucas.

— Seu ingrato! — Ela colocou no rosto uma expressão de indignação, mas parecia feliz com o convite. — Mas, tá legal, vamos chamar o chato do Rodrigo...

— Não. — Henrique segurou o braço da menina. — Eu quero dizer, a gente, tipo, eu e você.

— Você está me chamando pra sair, Henrique? — Ela se soltou da mão dele e cruzou os braços.

— Talvez...

— Tá bom! — ela concordou, antes de se virar e entrar no salão da igreja. Henrique ficou olhando enquanto ela se aproximava de Rodrigo, sem nem perceber que estava com um sorriso no rosto.

Henrique ainda convidou Clara muitas outras vezes para saírem sozinhos, antes de beijá-la pela primeira vez, no fim de uma missa de Natal. E a beijou muitas outras antes de pedi-la em namoro. Com o passar dos meses, Henrique até chegou a acreditar que poderia dar certo.

A banda e o namoro tomaram todo o seu tempo livre, e ele acabou deixando o ministério de Santa Má de lado. Consequentemente, se afastou de

Cris. E, por algum tempo, se sentiu mais leve.

Com Clara, ele poderia caminhar na praça, ir à missa lado a lado, abraçar em público. Ela, ele poderia apresentar à mãe e às irmãs; poderia contar ao pai que estava namorando uma garota e sentiria o orgulho na voz dele. Era mais conveniente.

O problema é que ter seu relacionamento aceito pelos outros não fazia com que *ele* fosse aceito pelos outros. Henrique não sentia que estava escondendo uma parte de si ao se relacionar com Clara. Era outra coisa. Era aquela sensação de não ser aquilo que os outros viam. De não ter um lugar naquela caixa em que o colocavam sempre que ele estava com Clara.

A ideia de estar em um relacionamento com alguém de outro gênero, que antes parecia a solução para seus problemas, acabou se tornando um problema por si só.

Henrique se sentia apagado.

Ele não queria mais ter que controlar até a maneira como gesticulava para não "parecer gay". Então, um dia, apenas se cansou de lutar contra aquilo. Desde a época da escola, pensava que não podia deixar transparecer que era sensível, que chorava e sentia dor. Estava exausto.

Estava cansado de tentar se encaixar.

Henrique queria ser hétero, queria *muito*, mas não era. Ele sabia que não era, mesmo que se relacionasse com Clara, mesmo que gostasse dela de verdade. Mas também sabia que não era gay, não podia ser. Gays não gostam de meninas...

Então, o que ele era?

Capítulo 6

Troco as pessoas, troco os pronomes

Henrique foi tentando, lentamente, soltar o que achava que estava preso dentro de si. Quis muitas vezes contar para Clara que gostava de meninos também e pensava seriamente em fazer isso.

Por mais incrível e encantadora que Clara fosse, com seu jeito desgarrado, faltava aquela sensação de pertencimento, aquele calor que abraça gentilmente a pele e vai aquecendo cada pedacinho do corpo. Mas Henrique também não sentia que com Rodrigo ele teria a liberdade de poder ser quem era. Aquela liberdade de estar com a pessoa completamente, não apenas com o corpo dela, mas com ela por inteiro; com as conversas, os defeitos, os olhares, os beijos, os carinhos, as manias. E *ser* também por inteiro.

O namoro com Clara nasceu fadado ao fracasso, Henrique sempre soube. Mas o manteve por mais de um ano, por pura conveniência. As pessoas diziam que eles eram bonitos juntos, a mãe dele estava feliz, o pai, orgulhoso; ninguém desconfiava de sua sexualidade, ninguém o cobrava nada.

Seria perfeito, se Henrique não tivesse aquela sensação de que estava perdendo seu tempo. E esse incômodo ficava cada dia pior. Sempre que Clara falava, o garoto sentia vontade de apertar o botão de acelerar, para que o tempo com ela passasse depressa. Era maldoso pensar aquilo, Henrique sabia; fazia mal para a menina, mas o principal é que estava fazendo mal para ele.

Tanto que o garoto acabou se afastando ainda mais da igreja, dos amigos, das coisas que gostava de fazer.

Até que um dia ele disse "chega", se arrumou e foi à missa de domingo. Com o objetivo nem tão oculto assim de ver Cris, obviamente.

— Oi, Henrique! — O garoto se virou a tempo de vê-la entrar por uma das portas laterais da igreja, junto com uma menina de cabelos curtos.

— Oi, Cris! — Henrique sentiu o rosto enrubescer e agradeceu aos céus por não ser tão branco a ponto de corar.

— Essa é minha amiga, Regina. A gente pode sentar aqui?

— Oi, Regina. — Ele a cumprimentou com um aceno, tentando se lembrar se já havia visto a garota em algum lugar. — Pode, lógico.

Elas se sentaram.

Cris e Regina deixaram a missa alguns minutos antes do término. Na saída, Henrique procurou por elas na praça; queria acompanhar Cris até em casa. Ele as viu, sentadas no coreto, e chegou a dar um passo na direção delas, quando um garoto branco feito papel e de cabelos pretos se sentou do lado delas. Ele não devia ter mais de quinze anos. Henrique o achou lindo, mas algo dentro de si começou a se revirar. Era aquele o tal amigo de Cris? Henrique já havia reparado nele, na escola, mas não imaginou que fosse *aquele* o tal Pedro.

Bonito esse amigo da Cris, pensou, um pouco amargurado, e desistiu de se juntar a eles, mudando de direção e indo rumo à sua casa.

— Henrique, peraí! — Cris gritou. Ele parou e se virou para vê-la se aproximar. — Eu queria te perguntar uma coisa. Me acompanha até a minha casa?

— Claro! — Eles recomeçaram a andar.

— Por que você está afastado da igreja? — Cris perguntou. — Nem toca mais na banda...

— Andei focando no ministério lá de Central.

— Ah. É só por isso?

Não.

— É.

— Bom, eu senti sua falta... — ela confessou, mas logo emendou: — O Rogerinho é muito ruim naquela guitarra, não consegue acompanhar ninguém!

Ele soltou uma risada enquanto ziguezagueava pela rua.

— Cris, por que você anda tão devagar? — perguntou, depois de um tempo. Ofegante, deu dois passos para a frente e um para trás, na tentativa de acompanhar, do seu jeito particular e hiperativo, o ritmo lento da garota. Ele odiava lentidão. Sentia-se cada vez mais impaciente.

— Porque tenho preguiça. E o lugar para onde estou indo não vai sair de lá. — Ela continuou a caminhar vagarosamente.

— O tempo está correndo...

— Deixa ele correr, uai. Eu correr também não vai fazer o tempo passar mais devagar.

— Mas você vai poder aproveitar mais se chegar mais rápido.

— Eu vou? Aproveitar o quê, exatamente?

— Ah, não sei. Fazer algo legal, ver um desenho desses que você gosta, produzir algo relevante para o mundo.

— Henrique, para de andar pra lá e pra cá. Tá me dando nervoso. — Ela esticou a mão e agarrou o braço dele. — Vem aqui.

Ele a obedeceu, diminuindo a velocidade dos passos para acompanhá-la lado a lado.

— Você olha em volta enquanto anda?

— Olho.

— Mas você vê as pessoas, ou está tão preocupado com o lugar onde quer chegar que nem percebe o que está no caminho?

O garoto não soube o que responder, apenas a encarou por trás dos óculos. Falando daquele jeito, ela parecia ser quatro vezes mais velha. Por mais irônico que fosse, se sentiu novo demais perto dela.

— Olha em volta, Henrique. — Ele não queria olhar em volta, queria olhar para ela. Cris era tão linda. Quis tocá-la, podia ficar horas parado, reparando nela. Por fim, olhou. — Você vê?

— O quê?

— Aquele senhor sentado em frente à barbearia.

Henrique observou o homem. No rosto, trazia uma expressão cansada; todo o corpo parecia exausto, como se estivesse triste, pensativo e distante.

— Ele foi dono dessa barbearia por décadas, depois a passou para o filho — Cris começou a contar. — Mas o rapaz foi assassinado há três anos, e a barbearia foi vendida para outra pessoa. Mesmo assim, desde aquela época, esse senhor vem todos os dias de manhã e se senta aí, onde fica até de tardinha. Acho que espera o filho chegar para trabalhar, ou para buscá-lo.

Henrique olhou o homem novamente. Era profundamente melancólico observar aquele senhor.

— Como você sabe disso, Cris?

— Eu sou fofqueira, Henrique!

Ele caiu na gargalhada.

— Você ri, mas é sério. Eu sou *muito* curiosa. Um dia, vi esse senhor parado aí. Vi como os olhos dele eram tristes, então perguntei pra minha mãe quem ele era, daí ela me contou. Sei as histórias da maioria das pessoas por quem passo todos os dias. Sei por que aquele bêbado ali dorme e acorda

diariamente na porta do bar. O nome dele é Messias; é alcoólatra e foi expulso de casa pelos irmãos, que não aguentavam mais as confusões que ele arrumava... Viu? — Ela colocou as mãos no peito. — Fofoqueira!

— Eu diria que você é bem informada...

Ela sorriu.

— Mas, sabe, Henrique? É que... às vezes, a gente está com tanta pressa, tão preso na nossa própria vida, que esquece de todas as vidas que nos cercam. Elas também são importantes, mas ninguém vê. E a pergunta mais difícil de responder, no fim das contas, é: quem é que vai *nos* enxergar, se estamos todos com pressa?

Sem notar, Henrique parou de andar e encarou Cris. Ele queria dizer que gostaria que *ela* o visse, mas, ao mesmo tempo, tinha medo. O que Cris veria se o olhasse com aqueles olhos tão curiosos? Que história ela contaria sobre ele?

— Que foi, Henrique?

Foi somente nesse momento que ele percebeu que estava parado no meio da calçada.

— Você é muito... doida. — O garoto voltou a andar, dessa vez, devagar.

— Eu sei — ela disse baixinho, olhando para o chão, constrangida.

— Mas isso é bom, porque essas suas maluquices fazem de você a pessoa mais incrível que eu já conheci.

Cris abriu um sorriso gigantesco, e Henrique percebeu que deixaria o tempo correr o quanto quisesse, que não havia problema nenhum em passar todo o cair da areia de sua ampulheta observando aquele sorriso, *vendo* aquela garota, a ouvindo, aprendendo com ela, a conhecendo.

Pela primeira vez na vida, Henrique quis parar. E permanecer.

Capítulo 7

O amor é bom, não quer o mal

A conversa com Cris ficou agarrada na mente de Henrique como uma sanguessuga. Ele pensava tanto nela, que chegou a sentir raiva da garota. Será que ela não cogitava a possibilidade de Henrique correr tanto justamente para que não fosse visto pelos outros? Que talvez aquela pressa toda fosse a melhor maneira que ele tinha de se esconder?

Mas Henrique não queria mais se esconder, nem esconder nada. Nem correr de nada. Muito menos de si mesmo.

Mal notou o olhar que Clara lançava sobre ele até que ela dissesse:

— Você anda meio estranho ultimamente. — Parecia não querer falar sobre aquilo, mas, ao mesmo tempo, era como se tivesse tirado um peso de dentro de si.

— Ando nada. — O garoto passou a mão na nuca, sentindo os cabelos cortados pinicarem a pele. Ele sabia que deveria dizer a verdade para ela. Mas não sabia como a namorada reagiria.

Ela parou no meio da rua entre a praça e a entrada do salão paroquial.

— A gente pode conversar agora ou brigar depois. Você escolhe.

— Não é nada de mais, Clara. Só ando pensando em algumas coisas...
— Ele olhou para a extensão da rua. E *quase* disse. — Vamos entrar, ok?

Ela não respondeu, apenas continuou andando. Ele sabia que tinha que

conversar com a namorada, falar a verdade, dizer como estava se sentindo. Mas tinha tanto medo. Pensou que seria melhor que falassem em outro momento. O problema é que ele sempre pensava que seria melhor dizer em outro momento, e nunca dizia nada.

Então, quando entraram no salão, sozinhos, Henrique soltou a bomba direto sobre a cabeça da menina, sem nenhum aviso prévio, falando rápido e de uma vez, antes que pudesse mudar de ideia:

— Eu gosto de meninos. — A voz firme dele ecoou pelo hall. Em sua imaginação, ele falava aquilo de um jeito baixo e calmo, mas, na realidade, acabou sendo alto e ansioso.

— Você o quê? — A garota soltou um grito de surpresa, que reverberou mais forte que a voz de Henrique.

— Eu disse que gosto de meninos — confessou, dessa vez mais baixo. — Acho que você deveria saber. Mas...

— Você é gay? — Já Clara insistia em continuar gritando.

— Não. Eu não sou gay!

— Como não é gay, Henrique? Você acabou de dizer que gosta de meninos!

— Eu gosto. Mas não sou gay.

A menina revirou os olhos.

— Depois desses meses todos, você ainda tem a cara de pau de tentar me enrolar?

— Não é isso, Clara. É que eu gosto de meninas também.

— Ah, em nome de Deus! — Ela se afastou ainda mais dele, indo para o outro lado do salão.

A conversa deles se tornou uma disputa de quem falava mais alto.

Henrique dizendo que não se atraía apenas por garotos e Clara dizendo que isso não era possível.

— Você precisa se decidir! — ela gritou.

— Preciso? — ele gritou de volta.

— Precisa! Isso aí é só papo de gay que não quer se assumir!

— Clara... — Ele se aproximou e tentou pegar as mãos da namorada, mas ela se afastou. Henrique queria explicar o que sentia. O problema é que parecia complicado demais para as pessoas, inclusive para ele, entender que era possível se apaixonar por mais de um gênero.

— Não tenho vocação para palhaça, Henrique. Você é gay! Só falta aceitar... E eu fui uma trouxa que você estava usando como porta de armário!

Os passos de alguém entrando pela porta do salão fizeram os dois se virarem.

— Você é gay, Henrique? — A expressão de Rodrigo era de choque. Henrique olhou para ele, desolado, e só conseguiu ver a decepção no olhar do menino antes de ele se virar e sair em direção à praça.

Henrique saiu atrás de Rodrigo. Não suportaria que se afastassem, não suportaria a rejeição do amigo.

— Rodrigo! — ele chamou o rapaz, que, nessa altura, já atravessava a rua. — Vamos conversar!

— Não tenho nada para falar com você. — Rodrigo parou e se virou. — Se você gosta de dar a bunda, problema seu!

Henrique sentiu o peso daquelas palavras, tão cheias de preconceito, tão rudes, tão más.

— Eu não quero que você pense...

— Que eu pense o quê? Que você gosta de mim? Você *gosta* de mim?

Henrique não negou.

— Sai fora, cara! — Rodrigo continuou a destilar toda a sua incompreensão e intolerância.

— Poxa, Rodrigo! Que isso? A gente é amigo!

— Olha, Henrique, desculpa. Nunca me incomodei com esse seu *jeito*, mas pensava que, sei lá, você fosse só mais... sensível. É... que... não concordo com seu modo de vida. Não acho isso bom para a banda e não quero ter que conviver com isso.

— *Isso?*

— Esse negócio de ser gay...

Henrique não tinha mais nada para falar. Não conseguiria. O soco que sua alma havia levado o derrubara no chão e ele duvidava ser capaz de se levantar dali. Rodrigo, alterado pelo próprio ódio e por toda aquela ignorância, seguiu seu rumo e foi embora.

Sem saber o que fazer, Henrique apenas ficou parado, com medo de andar e despencar.

— Bom, já sabemos de quem você gosta! — Clara passou por ele na rua, pronta para jogá-lo de vez no chão. Sem olhar para trás, completou: — Não volta aqui nunca mais. Tenha ao menos dignidade! Não quero nunca mais olhar na sua cara!

E foi assim que Henrique viu seu ministério de música, sua amizade e seu namoro ruírem.

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará, diz em João 8:32.

Mas, pela primeira vez, Henrique pensou que a bíblia havia mentido para ele.

Capítulo 8

Quem inventou o amor? Me explica, por favor.

— Nessa, você já gostou de alguém?

— Já — ela respondeu. — Por quê? Achei que tivesse terminado o namoro. Você está gostando de outra pessoa?

— Não sei.

— O que você sente pela menina?

Antes que o garoto pudesse raciocinar, seu estômago se revirou. *Por que as pessoas pensam de um jeito tão... hétero?*, se perguntou, insatisfeito. *Porque é normal*, respondeu aquela parte de si que não deveria sequer existir. *Uma ova! Eu estou aqui. Eu sou normal.*

— Fascinação.

— Fascinação? — Vanessa reagiu como quem não esperava por uma resposta como aquela.

— É — ele explicou. — Sempre que alguém fala dela, eu me interessou em saber mais. Quero conhecer tudo: saber do que gosta, com o que sonha. Sempre que eu vejo ela, sinto vontade de conversar, e, quando nos falamos, ficamos horas assim, nos conhecendo. Mas ainda parece pouco. É como se ela me encantasse, me trouxesse para perto dela e não me soltasse. Eu *quero* que ela não me solte.

— Gente! Desde que dia você fala bonito desse jeito?

— Não sei. Eu falei bonito?

— Falou. Fascinação, sei lá mais o quê. Eu nem sabia que você conhecia essa palavra.

— Eu vi numa música.

— Bom... — Vanessa balançou a cabeça.

— Que foi?

— A coisa tá séria!

— Você acha que eu gosto dela?

— Quem tem que saber é você, uai! Se até agora não sabe...

— É que pode ser só admiração, não pode?

— É... — Vanessa alongou tanto o *é*, que Henrique pensou que ela fosse começar a cantar.

— Como saber se o que eu sinto é uma amizade forte, ou se é aquela *outra* coisa?

— Você já sabe a resposta.

— Eu tenho medo de estragar tudo. Ela me faz tão bem. Estar perto dela, nossas conversas...

— Henrique, me diz uma coisa. — Vanessa encarou o irmão.

— Hum?

— Em algum momento dessas conversas, você sente, sei lá, uma vontade de beijar essa moça?

— Não sei — mentiu. Ele sabia muito bem. Já havia sentido aquela vontade vezes o suficiente para que perdesse a conta.

— Bom, Henrique. Você só vai saber se tentar.

— É que eu acabei de sair de um namoro de mais de um ano...

— Você pode esperar mais uns meses, até se formar na escola.

Esperar... Henrique tinha pavor daquela palavra. A vida passa rápido demais para ficar sentado na sala de espera, observando o mundo. Só havia uma pessoa que o fazia desacelerar.

No entanto, ele queria desacelerar *com* ela.

Depois do desastre que foi a banda de Central de Mantena e seus envolvidos, Henrique acabou voltando de vez para a igreja de Santa Maria Madalena, tomando a guitarra de Rogerinho, para a alegria de Cris.

Ele achava que não era possível se encantar tanto por ela. Estava tão enganado. Mas seu grande desafio foi *perceber* que estava mesmo apaixonado. Ele não viu como passou a gostar mais de História, porque Cris já havia decorado todos os livros de todas as turmas, inclusive o da dele. Não notou como aprendeu rápido a tocar o solo de “November Rain”, só para mostrar a ela que sabia. E não viu que estava cada vez mais interessado na vida de pessoas que ele nem conhecia, porque ela parecia saber as histórias de toda a cidade.

E quando percebeu, quando viu que queria muito mais do que apenas estar perto dela como amigo, quando entendeu que queria se aproximar mais e tocá-la e provocar nela aqueles sorrisos bonitos que ela dava em toda piada boba que ele fazia, teve medo de pisar na bola.

— Não sei o que fazer, Nessa... — Ele se deitou no colo da irmã, esperando receber um cafuné, mas ganhou um tapinha na testa.

— Henrique, se você gosta tanto dela, o melhor a fazer é *ficar com ela*.

— Se ela me quiser, né? Talvez goste de outra pessoa... — Henrique se levantou. — Ela tem um amigo, o Pedro...

— E daí? — Vanessa interrompeu. — Você mesmo disse: é um *amigo*.

— E se ela gosta dele? Eles são *bem* amigos...

— Ela estaria com ele. E mesmo que goste, você só vai saber se *perguntar*.

— Tentar não arranca pedaço, né...?

— Só tenta não se machucar. Você ficou muito tristonho com o fim do seu namoro.

Como Henrique desejava dizer a ela que sua maior tristeza não foi o término do relacionamento com Clara, mas, sim, o que Rodrigo lhe dissera. Foi o fato de a amizade dos dois ter valido tão pouco.

Em um dia, depois do ensaio da banda de Santa Maria Madalena, Henrique mudou o horário do ensaio para uma hora depois do habitual, e avisou a todos, menos a Cris.

Quando chegou ao salão da igreja para ensaiar, Cris encontrou somente Henrique ali, esperando por ela.

— Uai, cadê o pessoal? Eu sempre sou a atrasada. — Ela chegou, com seus passos lentos; a luz que vinha dela iluminou todo o cômodo.

— Não sei. — Ele se fez de desentendido. — Mas senta aqui e vamos repassar alguns hinos — disse, batendo com a mão esquerda no banco onde estava sentado; a direita apoiava o violão.

Ela se sentou, abriu a pasta de hinos que trazia e começou a folhear.

— Não gosto deste. Nem deste. Muito menos deste. — Ela batia os dedos no plástico que protegia cada folha.

— Você gosta de *algum* desses hinos?

— Gosto... dos tristes — a menina confidenciou.

— A gente pode mexer no arranjo.

— Nem a pau. Tristeza combina com tristeza. — Cris foi enfática.

— Discordo.

— Ah, é?

— É. Às vezes, um arranjo feliz esconde a profundidade de uma letra triste.

— Tipo “Last Kiss”.

— É... — Henrique concordou, mesmo sem fazer ideia do que era aquilo.

— A gente pode tentar tocar esse hino aqui. — Ela procurou entre as folhas até encontrar a música. Henrique sorriu.

— Nossa! Amo esse hino! É muito lindo.... Ah... Se deixar mais feliz, vai estragar.

— Eu falei.

— A gente pode tentar aumentar o tempo, dar uma pesada na bateria...
— Ele parou de falar ao observar o olhar dela se perder na letra da música.

A maneira como ela se distraía rápido quando estava fazendo algo que amava a deixava ainda mais bonita. Henrique quis se aproximar, então colocou a mão sobre o ombro esquerdo dela. Cris olhou para ele com o cenho franzido, como se perguntasse o que ele estava fazendo. E aqueles olhos castanho-claros eram tão bonitos...

Em um impulso, lento, suave e delicado como o ar, ele a beijou. Deixou que os lábios se encontrassem e sentiu algo que nunca havia sentido antes: um desejo de se prender para sempre naquele momento, de parar o tempo, de viver mais. *Com* ela. Para beijá-la muitas outras vezes.

Um sorriso bobo se formou nos lábios dele quando se afastaram.

— Isso foi bom, né? — ele disse. Cris sorriu.

— Foi. — Ela abriu ainda mais o sorriso.

— A gente podia fazer outras vezes? — Henrique fingiu timidez.

— Podia. Mas é melhor ensaiar primeiro, né?

— Pode ser nos intervalos dos hinos?

— Ai, Henrique! Você não tem jeito, garoto.

Naquele dia, os dois se beijaram vezes o suficiente para que ele a pedisse em namoro. Henrique finalmente tinha certeza. Tentou tanto se envolver com outra pessoa; quis, investiu, desperdiçou suas horas em relacionamentos fadados ao fim. No fundo, ele sempre soube que era *ela*; desde o dia em que Julinho abriu o portão da escola e Henrique viu aquela menina negra, gorda e do cabelo desarrumado, que irradiava, que aquecia, que preenchia tudo ao redor.

Ele sabia que era *ela* a pessoa que mudaria tudo. Só não sabia quando, como e onde. Só não sabia se seria agora, ou daqui a cinco anos. Só não sabia por quais caminhos os pés de ambos iriam passar, se seria lado a lado, ou se iriam se reencontrar um dia, anos depois. Henrique apenas *sabia*, de um jeito estranho e inexplicável, que era com Cris que passaria o resto dos seus dias.

Capítulo 9

A humanidade é desumana, mas ainda temos chance

Henrique mal podia acreditar que estava ali, sentado ao lado dela, naquele sofá, onde o tempo voava e, ao mesmo tempo, parecia passar em câmera lenta. Era como se Cris tivesse um poder especial; com ela, todas as horas do mundo não seriam suficientes, mas qualquer segundo era o bastante.

— Então o famoso Henrique resolveu namorar minha filha... — A voz do senhor João fez as pernas do garoto tremerem ainda mais. — Sempre achei que você namoraria minha *outra* filha.

— Sério, pai? — Malu gritou, da sala de TV, de onde conseguia ouvir a conversa. Ela parecia estar se divertindo muito com todo aquele constrangimento, mas, desde que Henrique lhe dissesse que estava namorando Cris, a garota havia ficado estranha.

— Bom, pois é — Henrique disse, tremendo. — Eu insisti em vir aqui conversar com o senhor e com a dona Desgraça... — O garoto mordeu a própria língua. Como podia ser tão burro? Um silêncio constrangedor pairou pela sala.

Até que pai e filha, no meio de uma troca de olhares, não resistiram e caíram na risada.

— Para a sua sorte, minha mãe não está aqui! — Cris disse, ainda rindo.

— Não se preocupe, filho. Ninguém vai contar pra ela.

— O senhor me desculpe, é que eu me acostumei. Todo mundo lá na

escola chama ela assim. — Parecia que o garoto ia passar mal de tanto que tremia.

— Não se preocupe, jovem! Se eu te contasse quem foi que inventou esse apelido...

— Quem foi?

— Ah, um certo professor de história aí...

— Foi o *senhor*? — Henrique estava chocado.

— Não sei de nada. Só sei que com um nome desses e aquele jeito autoritário... Algumas coisas são inevitáveis. Mas, olha — ele disse, se levantando da poltrona onde estava —, cuidado quando for conversar com a Graça, ela não é tão bem-humorada.

— Sim, senhor.

— Só não pisa na bola, viu, garoto? Minha filha não é nada fácil...

— Pai! — Cris protestou, batendo nas próprias pernas.

Henrique observou o homem sair da sala, rindo. Em seu íntimo, desejou que nunca precisasse trocar uma palavra sequer com a mãe de Cris. Durante toda a sua passagem pela escola, havia evitado ao máximo conversar com a mulher, morria de medo dela. Agora sabia que seria inevitável, por isso prometeu a si mesmo que não a chamaria de dona Desgraça nunca mais.

— Não vou falar nada com você, garoto! — Cris o repreendeu, sorrindo. — Graças ao bom Deus essa reunião na escola tá demorando mais que o... Na verdade, tá demorando o costume mesmo. Nunca vi bicho que se lasca mais que o tal professor de escola pública.

— E por que o seu pai não foi também? — Henrique perguntou, baixinho.

— Porque ele não quis. Meu pai é doido, Henrique. — Depois de algum tempo de silêncio, ela emendou, sussurrando: — Acho que a Malu não

gostou muito dessa ideia de namoro...

— Uai, por que será? Será que ela nutre alguma paixão platônica por mim? — o garoto sugeriu, brincando.

— Ah, fica ativo^[1]!

Por mais que estivesse brincando, Henrique também havia notado o aborrecimento de Malu. E, pelo visto, o incômodo também atingira o melhor amigo de Cris. Contudo, naquele caso, Henrique entendia muito bem o motivo: o tal Pedro era apaixonado pela amiga, qualquer um notaria isso; mas, se não tinha coragem de assumir o sentimento, o problema era dele. Henrique conhecia aquela sensação, pois tinha passado tempo demais gostando de Rodrigo sem ter a mínima coragem de lhe falar uma palavra sequer.

O problema era que Cris gostava de incluir os amigos em tudo o que fazia. Além de Pedro, ela sempre vivia cercada por Regina. Entretanto, da garota de cabelos curtos, Henrique gostava.

E foi assim que eles começaram: sempre na companhia de Malu ou dos amigos de Cris. Henrique se incomodava um pouco com todo aquele público, mas, no fim das contas, o que importava mesmo era estar perto de Cris.

Poucos dias depois da ida à casa dela, antes mesmo de Henrique ter reunido coragem de contar à mãe que estava namorando, o rumor do relacionamento com Cris se espalhou pela cidade e chegou aos ouvidos de dona Débora.

— Então quer dizer que você está namorando? — ela perguntou ao filho após o jantar, em um sábado à noite, no começo de agosto.

— Pois é... — Henrique até tentou desconversar, mas a mãe insistiu no assunto.

— Pensei que você fosse dar um tempo e curtir um pouco mais.

— Eu *estou* curtindo! E terminei com a Clara há meses...

— E quem é a moça?

— A Cris, filha da diretora.

— Ah, aquela sua amiga moreninha?

— Mãe... — Respirou fundo. — A Malu é *negra*. Mas não, eu não estou namorando ela, estou namorando a *irmã* dela, a Cris.

— Aquela... fofinha?

Moreninha, fofinha ... O que falta agora?

— É, mãe! — Ele revirou os olhos.

— Mas, meu filho...

— O quê?

— Por que você está namorando essa menina, Henrique? — ela perguntou, em um tom de voz sério.

— Porque eu gosto dela, uai!

Vanessa e Alessandra, que acompanhavam a conversa caladas, permaneceram no mais completo silêncio.

— Meu filho... — A mulher respirou fundo.

— O que foi, mãe? Qual é o problema?

— É que essa menina... é tão... *Vocês não combinam.*

— Quê?

— O que o seu pai acha disso?

— Não sei, ainda não falei com ele. — Henrique conversava muito pouco com o pai, desde a separação. O homem havia se casado de novo e

tinha uma nova família; não parecia ter muito tempo para lidar com os problemas dos filhos mais velhos.

— Bom, meu filho, você que sabe. — Débora beijou a testa de Henrique e saiu para o quarto, deixando o garoto com a intuição de que havia muito mais a ser dito.

— Às vezes, eu me pergunto como uma mulher dessas me criou — murmurou antes de olhar para as irmãs. As duas o encaravam com uma expressão esquisita.

— Henrique, eu preciso conversar com você. — Alessandra costumava ser dramática, mas aquele tom de voz assustou o garoto.

— Tô vazando... — Vanessa levantou os braços e foi se retirando da sala. Alessandra e Henrique seguiram para o quarto dele.

— Eu ouvi uma conversa...

— Que conversa? — Henrique sentiu o corpo inteiro congelar e teve que se sentar na cama para não ficar ainda mais desnortado. O medo que sentia pelo rumo que aquele diálogo estava prestes a tomar era algo que ele vinha alimentando havia anos.

— Henrique, você é gay? — Alessandra resolveu ser direta.

— O quê?

— Você é gay?

— Les, eu acabei de conversar com a mãe sobre a minha *namorada*. — Resposta errada.

— E daí?

— Como assim, e daí? Eu tô namorando uma menina, Alessandra!

— Eu sei, mas é que...

— É que o quê? — Ele começou a ficar nervoso.

— Essa menina, Henrique... Você gosta *mesmo* dela?

— Les, você mesma viu a letra de música que eu escrevi pra ela há milênios!

— Eu sei, me lembro disso... é só que...

— Fala logo, Alessandra! — Se era para enfiar uma faca no coração dele, que fosse de uma vez.

— Cê tem certeza que gosta mesmo dessa menina ou... sei lá... está com ela porque é mais — hesitou —, mais fácil — completou, antes de a voz sumir da garganta.

— Mais fácil? Como assim, mais fácil? Eu não tô te entendendo. — Estava, sim.

— Eu só achei muito estranho, logo agora que estourou essa conversa, você aparecer do nada namorando essa menina.

— Você acha que eu estou usando a Cris? — ele perguntou, decepcionado.

— Você está?

— Que tipo de cara você pensa que eu sou?

— Henrique, não vou te julgar, nunca faria isso. Imagino o quanto deve ser complicado ser gay...

— Você *imagina*? — ele disse, com asco.

— Mano...

Ele se levantou, afastando-se dela.

— Você ouviu uma conversa e agora tá duvidando de mim?

— Na verdade, eu sempre desconfiei.

— É, eu me lembro quando você encontrou a música para a Cris e pensou que *Cris* fosse um garoto... Mas se você achava que eu era gay, por que nunca teve essa conversa comigo quando eu namorava a Clara? — Henrique começou a andar pelo quarto, a compreensão da intenção por trás daquela conversa ameaçando esmagá-lo.

— Eu não sei... Pensei que pudesse estar enganada. — O olhar de Alessandra acompanhava o irmão.

— E agora não acha mais. Por quê?

— Talvez seja porque estão comentando.

— Alessandra, comentam que eu sou gay desde o dia que me recusei a jogar bola no campeonato da escola, há oito anos. — Ele parou e a encarou.

— É que agora é diferente.

— Diferente por quê?

— Eu não sei, Henrique... Esse seu desespero em arrumar uma namorada.

— Desespero? Que desespero, Alessandra?

— Ah, pelo amor de Deus, você começou a “namorar” — fez as aspas com as mãos — *essa* garota...

— Não. Não, não, não, não! Não pode ser. Você ouviu alguma coisa que eu disse aqui, Alessandra? — O garoto se alterou. — Você mesma encontrou uma música que eu fiz pra Cris *dois anos* atrás e agora não acredita que eu esteja *mesmo* namorando ela?

— Eu não disse que não acredito que você esteja namorando ela.

— Você disse que acha que eu estou *usando* ela... Eu não posso acreditar nisso, não de você!

— O quê?

— Você acha que eu não gosto da Cris. É isso, não é?

— É — ela respondeu, hesitante.

— Não é porque desconfia que eu seja gay. Não! — Ele voltou a andar de um lado para o outro. — É porque é a Cris, não é? Você acha que eu não posso gostar *dela*! Por isso, prefere acreditar que eu esteja usando a menina para me esconder num armário do que acreditar que eu possa mesmo gostar dela. O problema é ela ser negra ou ser gorda? Ou seriam as duas coisas?

— Henrique...

— Eu não sou gay, Alessandra! — Teve que se esforçar muito para não gritar.

— Não?

— Não. — Ele preferiu omitir a parte que gostava de meninos. — E acredite se quiser: namoro a Cris porque eu *gosto* dela.

— Ela parece ser legal. Já vi vocês tocando na igreja, parecem ser bons *amigos*...

— Você realmente não está escutando o que eu estou dizendo, muito menos o que *você mesma* está dizendo!

— Henrique, a única coisa que eu não quero é que você se sinta obrigado a se esconder...

— Não, sério! Chega, Alessandra. — Ele a levantou da cama pelo braço, sem nenhuma gentileza. — Eu não quero mais escutar essa sequência horrorosa de besteiras que você está dizendo. — Henrique foi expulsando a irmã do quarto. A cabeça do garoto parecia que ia explodir.

Como Alessandra podia pensar aquilo? Só podia ser porque a irmã não conhecia Cris, ela não a *via*. Foi aí que Henrique entendeu o sentido de caminhar devagar pelas ruas. Cris observava as pessoas, enxergava a beleza e

as tragédias que cada uma trazia em suas histórias, ela as *via*. Alguém cheio de pressa, feito ele, Alessandra e o resto do mundo, ia preferir ver o superficial, ignorar ou simplesmente não se importar; veria o que havia por fora, assimilaria aquela visão a um padrão pré-estabelecido e a consideraria feia, bonita, desagradável ou inútil. Henrique, por algum motivo desconhecido por ele, *viu* Cris, assim que a olhou, e foi capaz de ver nela toda a beleza que o resto do mundo ignorou.

Capítulo 10

O brilho das estrelas no chão

Agosto é um mês seco no leste de Minas. Época em que se pode dar adeus às plantações verdes e às chuvas fortes. Henrique não gostava de seca, preferia olhar a chuva. Não gostava de omitir nada, preferia a verdade. E ali, quando, por um motivo desconhecido, uma tempestade resolvera cair em agosto, ele quase disse para Cris que gostava de meninos também. Quase. Não disse porque teve medo de ela reagir como Clara havia reagido.

— Eu amo chuva — Cris revelou, com os olhos brilhando, enquanto observava a água cair no terreiro de sua casa.

Sentado na varanda, com a namorada ao lado, Henrique passou a observar também. Cris era assim: gostava de prestar atenção até nas coisas mais simples, como o cair da chuva, um velho sentado na rua, um garoto tocando Legião Urbana em um violão preto.

— O que foi? — ele perguntou ao notar que ela tinha aberto um sorriso.

— É bobagem!

— Aposto que não é.

Ela hesitou, antes de responder:

— É que eu sempre achei bonito aqueles beijos na chuva.

— Vem cá! — Ele se levantou, puxando-a pelo braço.

— O quê? — Rindo, ela se deixou levar para o quintal, onde a chuva caía.

Sorrindo feito uma criança, ele a beijou.

— Isso é tão clichê! — ela disse, ao se soltarem.

— Que bom! — Henrique a abraçou forte. Ainda debaixo da chuva, sussurrou no ouvido dela: — Eu amo clichê.

A forma como a frase soou fez o coração do garoto dar um salto. No fundo, ele queria dizer aquela outra coisa, mas julgou ser precipitado demais, como se amar alguém fosse algo determinado pelo tempo.

Ela o beijou de novo.

— Feliz aniversário! — disse, quando se afastaram.

— Como você sabe?

— A Malu me contou.

— Vem. — Ele a puxou. — Vamos sair da chuva!

E voltaram para a varanda, sendo observados por Maria Luiza. Nem mesmo a cena fofa parecia ter convencido a amiga de Henrique. O tempo também não foi capaz de fazer isso.

Aliás, o namoro dos dois parecia não convencer e muito menos agradar muitas pessoas. Alessandra, certa de que o irmão era gay, não se conformava com o relacionamento. E o tal Pedro ficava cada dia mais incomodado com o romance da amiga.

Um dia, enquanto Henrique esperava Cris se arrumar para a missa, do lado de fora da casa dela, os dois rapazes tiveram uma briga.

— Qual é a sua, hein? — Pedro perguntou, sentado na calçada de sua casa, que ficava em frente à de Cris.

— Desculpe, não entendi.

Pedro se levantou e caminhou até onde Henrique estava.

— Eu quero saber qual é a sua, cara! Esse seu namoro com a Cris...

— Queria que fosse com você, né?

— O quê?

— Você queria que ela estivesse namorando *você*. — Henrique apontou o dedo para o peito do garoto.

— Eu *não* queria que ela estivesse namorando um babaca!

— E por que eu seria um idiota?

— Ah, cara! Você sabe muito bem.

— Sei não, me fala aí!

Pedro virou as costas, hesitando.

— A Cris é minha melhor amiga, ela é a garota mais incrível do mundo. Me dá um ódio muito grande imaginar que um babaca qualquer esteja *usando ela*.

Henrique se irritou. Com a irmã, ele até tinha paciência, mas com aquele rapaz...

— Babaca é você! Babaca e invejoso.

— Como é que é? — Pedro, que já estava alterado, ficou ainda mais nervoso. Quase que involuntariamente, deu dois passos em direção ao namorado de Cris.

— Ei, ei. O que tá acontecendo aqui? — Cris apareceu correndo e separou os dois.

— Nada. — Henrique foi o primeiro a se manifestar. Já Pedro virou as costas, atravessou a rua e entrou em casa.

— Mas que diabos foi isso?

— Nada, Cris. Sério! Esse seu amigo é muito ciumento...

— Henrique...

— Não é nada, de verdade.

O assunto morreu ali. No entanto, Henrique soube que o incômodo causado por aquela briga se fixaria em Cris. Depois daquela discussão, o namoro dos dois não foi mais o mesmo. E ainda tinha Malu e seu, cada vez mais constante, mau humor quando estava na presença do casal.

Incomodado com o afastamento da amiga, Henrique decidiu conversar com ela.

— Malu, o que está acontecendo? — perguntou a ela, em um dia na escola.

— Me diga você.

— Eu sei que você me disse para não me aproximar da Cris...

— O problema não é esse, Henrique. É que...

— É que o quê?

Ela respirou fundo, tomando coragem de dizer:

— Estão comentando coisas.

— Ah! Sempre comentaram coisas.

— É minha irmã, Henrique. Eu vou ficar do lado dela *sempre*. E se eu sonhar que você está usando ela pra... o que for...

— Eu gosto da Cris, Malu. Eu juro pra você.

— Não me jure nada. Prove que o que dizem pela cidade, pela igreja, pela escola é mentira.

— Malu, são boatos. Sempre falaram isso de mim. O Reginaldo nem me conhecia e já me chamava de...

— *Boiola*.

— Tão *old fashion*!

Ele viu quando Malu revirou os olhos.

— Só não machuque a minha irmã, Henrique. Caso contrário...

— Eu sei.

Mas aquela conversa não adiantou muito. Em uma noite, já em outubro, enquanto os três assistiam a uma comédia romântica dessas bem bregas, pelas quais Henrique sempre fora apaixonado, Malu embirrou de vez. Quando o garoto brincou com ela, perguntando sobre o ator que fazia o mocinho, a irmã de Cris não respondeu. Em vez disso, se levantou e foi para o quarto.

— Gente, o que deu nela? — Cris perguntou, baixinho.

Henrique não respondeu. Não queria pensar que estava perdendo a amizade de Malu, muito menos cogitar a possibilidade de que aquilo pudesse afetar seu relacionamento com Cris.

Cris perguntou ao namorado o que havia acontecido entre ele e Malu. Henrique deu de ombros.

— A gente foi parando de conversar — respondeu.

— Mas vocês sempre foram amigos.

— Até eu começar a namorar a irmã dela, né?

— É só esse o problema?

Henrique quis dizer que não, que havia algo, uma dúvida plantada nele por todos que o cercavam.

— É — mentiu. Cris não pareceu satisfeita. Mesmo assim, não disse nada. Depois de um tempo, ele a chamou: — Cris, a Malu só está cismada que eu não gosto de você o tanto que você merece. Talvez ela tenha razão.

A garota revirou os olhos como resposta. Ele continuou:

— Não que eu não goste, mas concordo que você merece alguém muito mel...

— Ah, pelo amor de Deus, você não vai falar essa palhaçada, né? — Ela se levantou e saiu.

Ele foi atrás dela.

— Olha, Henrique, eu não sei que besteira vocês dois andaram conversando, mas não preciso de ninguém decidindo o que eu mereço ou não.

— Eu sei. Só não quero te fazer mal.

— Então, não faça.

— Vem aqui. — Ele a puxou para um abraço desajeitado. O corpo de Henrique desejava Cris cada vez mais intensamente, era quase difícil de controlar; às vezes, tinha até que se afastar um pouco dela para respirar. Como alguém podia duvidar? Como ele mesmo ousava fazer isso? Quando estava com ela, tinha certeza: a *queria*, pensava nela o tempo inteiro, imaginava coisas indizíveis. Não era apenas o cérebro dele tentando convencê-lo de que amar uma menina era mais fácil. Havia sentimento ali, havia.

Então por que ninguém enxergava?

Capítulo 11

Não quero lembrar, eu erro também

Henrique desistiu de olhar a letra da música, escrita no caderno, e pegou o papel sobre a cama. Havia ficado horas tentando decidir o que faria; escreveu canções, começou a rabiscar uma carta. No fim, a conclusão que chegou foi a de que estava perdido. O que nunca havia sido dúvida, agora era.

Será que todos tinham razão? Será que estava mesmo usando Cris? Que não a merecia, já era um fato consolidado. Mas, como explicar o que sentia quando estava com ela? Amar uma menina não deveria ser tão complicado. Anormal era ele gostar de meninos, isso que deveria incomodar.

E incomodava, o garoto sabia.

O problema era que gostar de alguém como Cris também incomodava. Afinal, será que ele gostava *mesmo* dela ou apenas *lhe* era conveniente? Henrique era encantado pela namorada, mas será que aquilo era suficiente para que um garoto ficasse com uma garota? O que era amar alguém, no fim das contas? O que era *desejar* alguém? Henrique queria ficar com Cris, desejava beijá-la, abraçá-la, tocá-la, estar com ela. Será que aquilo não era o bastante? Será que não passava de uma amizade muito forte?

Será que todo mundo deseja tanto beijar os amigos? Deseja tanto aquela *outra coisa*?

O que é o amor? O que é estar apaixonado senão aquele fogo estranho que ele sentia quando estava com ela? Deveria ser conveniente namorar uma menina. Deveria ser mais fácil não ter que contar para a mãe que gostava de meninos. Namorar Cris deveria simplificar a vida de Henrique. E talvez

simplificasse. Seria *esse* o motivo de tanto sentimento? Seria somente um truque da mente do garoto?

Era o que todos diziam: ele não podia estar apaixonado por *ela*.

Agora ele havia recebido um recado que pirou tudo. Segurando o bilhete enviado por Rodrigo, Henrique sentiu o coração apertar.

Me encontre na festa de sábado em Central de Mantena.

O rapaz queria dizer ao ex-colega de banda alguma coisa muito importante, e Henrique sentiu que também havia algo a ser dito de sua parte. Existia um nó preso na garganta.

Então decidiu aceitar o convite. Sem pensar nas consequências, foi até aquela festa. Talvez, ver e estar com Rodrigo fosse a certeza que buscava, ou a que temia. De um jeito ou de outro, sairia de lá decidido.

— Você queria que eu viesse, eu vim. Agora diz o que quer, Rodrigo — falou, assim que viu o rapaz se aproximar. Henrique aguardava Rodrigo no estacionamento da festa da cidade, escorado em uma picape branca.

— Quero me explicar.

— Explicar o fato de você ter me agredido verbalmente e me humilhado?

— Eu não queria ter falado nada daquilo... — O rapaz chegou mais perto.

— Ah, não queria? As palavras voaram da sua boca sem querer?

— Não, Henrique. Não era o que eu queria dizer. É que... Eu tinha medo, ok?

— Medo?

— É. Medo. Do que eu sentia. Do que eu era. Do que eu *via* em você.

Henrique sentiu algo se desfazer dentro de si, como jogar água quente sobre um cubo de gelo. Por quanto tempo esperou que Rodrigo o notasse? Por quanto tempo desejou que Rodrigo o quisesse, o sentisse, o visse? E agora... justo agora?

— Rodrigo... — Ele ainda não sabia bem o que dizer, mas não podia admitir que alguém usasse os próprios sentimentos como desculpa para ferir o outro.

O rapaz se aproximou dele e lhe tocou as mãos. Henrique se afastou.

— Você não tem o direito de dizer que me agrediu porque estava tentando esconder o que sentia por mim.

— Foi isso que aconteceu! — protestou.

— Não. — Henrique se afastou ainda mais.

— Eu estava com medo. Você nunca sentiu medo?

Sentia. Ali mesmo, naquele momento, naquele estacionamento escuro, Henrique sentia medo. O pavor mais terrível que pode existir: olhar para si mesmo e encarar uma verdade inaceitável. Querer tocar Rodrigo ia contra tudo o que Henrique acreditava, mas ele o desejava mesmo assim. Queria abraçá-lo e dizer que estava tudo bem. Só que não estava. Nunca ficaria bem para os dois. Era necessário aceitar aquela verdade de vez. Por que era tão difícil?

Henrique deixou que Rodrigo se aproximasse dele, por instinto, por fraqueza, por curiosidade.

Depois de tudo o que ouvira nas últimas semanas, era impossível não se sentir perdido, não duvidar que o sentimento por Cris não passasse de uma tentativa tola de se esconder de si próprio. E mesmo que existisse aquela voz dentro dele dizendo que era tudo verdade, que o amor por Cris era real, forte, profundo e inexplicável, era muito difícil ecoar mais forte que todas as outras vozes.

— Eu gosto da minha namorada, Rodrigo. De verdade — disse, tentando, em vão, afastar o rapaz.

— Se você gostasse dela, não estaria aqui comigo.

Henrique ainda tentava entender o que havia acontecido naquela festa. Rodrigo o beijara. E ele tinha gostado. Não sabia o que sentir. Foi até a igreja, pois era dia de tocar na missa; porém, Cris não apareceu. Henrique sentiu que algo estava errado. Talvez fosse seu medo pelo que havia acontecido na festa, ou quem sabe algum instinto. Então, como se nada tivesse acontecido, foi até a casa da namorada depois da missa; tocou a campainha e dona Graça atendeu, dizendo que a garota estava na varanda dos fundos, conversando com os amigos.

— Oi — ele disse, ao ver os três reunidos ali, mas logo percebeu a expressão estranha que traziam nos rostos. — O que foi? — perguntou à Cris.

— A festa estava boa ontem? — a namorada de Henrique questionou, com a voz repleta de ironia.

Henrique olhou para Pedro e Regina, que pareciam estar gostando da situação. O que eles estavam fazendo ali, afinal? Percebendo onde a atenção de Henrique estava, Cris pediu aos amigos que se retirassem com um único gesto; eles obedeceram. Assim que ouviu o portão se fechar, Cris contou a Henrique que Regina e Pedro o viram beijando um rapaz na festa do dia anterior.

O mundo do garoto pareceu desabar por um momento, como se o chão que pisava tivesse sumido e ele agora estivesse suspenso no ar. Ao mesmo tempo em que não havia nada, sentia um peso gigantesco sobre os ombros. Então começou a chorar e a tentar se explicar, mas as palavras que dizia não faziam sentido algum.

Ele disse para ela, repetidamente, que gostava de meninos.

Que gostava dela.

Que era verdade.

Que gostava de meninas.

De pessoas.

Que tinha errado.

— Pode ficar tranquilo, Henrique. Eu não vou contar pra ninguém. Nem o Pedro, muito menos a Regina. Ela nunca faria isso!

Henrique queria gritar e dizer que não se importava, que ela podia contar para o mundo inteiro, que tinha o direito de fazer isso. Desejava dizer que tudo o que queria era voltar no tempo e... Foi quando Henrique percebeu que não sabia o que faria. A única certeza que tinha era a de que Cris não merecia nada daquilo e que ele não merecia Cris. E isso ficou ainda mais claro quando, depois de um tempo de silêncio, ela disse:

— Henrique, não faça mais isso! Não engane outra menina. Não machuque o coração de mais ninguém. Se pra se manter aí dentro desse armário, você precisa usar e ferir alguém desse jeito, é bem melhor você sair. Só existe uma coisa mais triste do que ser usado: precisar usar alguém.

O coração do garoto doeu, como se alguém o apertasse com força. O destruiu.

— Mas eu *gosto* de você, Cris. Não é mentira! — Ele estava agoniado, sentia o corpo pesar, a cabeça tontear. Era como se estivesse preso em seu pior pesadelo. Henrique quis acordar, se beliscou incontáveis vezes, mas permaneceu parado, vendo Cris sorrir para ele, com um olhar triste, como se alguém tivesse apagado todas as suas luzes e a deixado no escuro, sozinha e abandonada.

Os dois ficaram em silêncio por muito tempo, se estudando, tentando entender qual seria o próximo passo, se haveria um próximo passo. Foi Cris quem falou primeiro e cravou uma espada no garoto.

— Olha, Henrique. Resolva seus problemas internos. Descubra quem

você é. Se depois disso, você ainda achar que gosta de mim, talvez eu ainda esteja aqui. É bem provável que esteja, aliás...

Não estaria, Henrique sabia que não. Ele não merecia que ela esperasse. Naquele momento, não passava de um poço de confusão e culpa. Não podia desejar que Cris o compreendesse e o aceitasse.

Então Henrique foi embora.

Capítulo 12

Comigo apenas e com o mundo

O ar de Santa Maria Madalena se inundou com o cheiro de terra molhada. Tão puro, tão leve. Foi onde Henrique se sentiu em casa pela primeira vez. Gostava do silêncio, das casinhas, das montanhas. Agradava-lhe, até mesmo, olhar as pessoas passarem nas ruas. Tranquilidade era tudo o que ele precisava. Quietude para ouvir a si mesmo, para tentar distinguir o caos que existia ali dentro.

Espiou a água cair lá fora e, lentamente, ir molhando o chão. O dia em que ele havia beijado Cris debaixo da chuva parecia ter acontecido há uma eternidade, mas só tinham se passado quatro meses. Quis sair, abrir os braços e sentir cada gota fina tocar sua pele. Queria que aquela água apagasse ou pelo menos aliviasse a sensação de chamas quentes e velozes beijando cada parte de seu corpo.

A agonia queimava.

— Ainda não arrumou suas coisas, Henrique? — Ouviu a voz da mãe enquanto a mulher se aproximava. Ela nunca batia na porta.

— Não, mãe.

— Não está esperando que eu arrume as malas pra você, né? — Ela se escorou no batente da porta.

— Não, senhora. Não tô. Vou arrumar.

— Depois sai desse quarto um pouco. O mundo não vai acabar porque

você terminou com uma garota.

— A senhora deve estar feliz.

— Claro que não! Não queria que você fosse embora, meu filho, mas vai ser melhor. — Ela se aproximou e tocou os ombros do garoto, que ainda estava parado, em pé, observando a rua pela janela. — Você vai morar com seu pai, estudar... Vai ser bom! É só um fim de namoro adolescente. Já, já passa.

Henrique não respondeu. No fundo, não queria que passasse, não achava que era capaz de fazer aquele sentimento ir embora. A verdade é que não desejava se despedir dele, não suportava a ideia de perder aquela última ligação que tinha com Cris. Não queria perdê-la. Mas havia perdido. A deixara escapar pelas mãos por pura burrice e não sabia como consertar. Não tinha como fazê-lo.

— Arrume logo suas coisas e vem tomar um café. — A mulher foi saindo do quarto, deixando o garoto prostrado no mesmo lugar.

Descubra quem você é, as palavras de Cris retumbaram em sua mente, como uma voz gritando na noite.

— Preciso mesmo fazer isso? — sussurrou para o vento que soprava lá fora.

O dia da formatura no ensino médio chegara. Henrique nunca se importou com a ocasião, sequer havia pensado no que faria da vida, no que desejava ser. A única certeza que tinha era o que *não* era. Mas, no fim das contas, isso não importava a ninguém. Todos tinham certezas sobre ele, sobre o que gostava ou deixava de gostar — ninguém nunca pediu sua opinião sobre nada. Nem mesmo Cris. A garota simplesmente lhe disse para ir se encontrar. Encontrar o que, se nunca havia se perdido?

Ou havia?

Ele precisava ir àquela formatura, mesmo sabendo que ainda não tinha coragem de encarar Cris. Então não encarou. Levaria consigo a carta que tinha escrito para ela, mesmo sabendo que jamais teria coragem de entregá-la. Não era de seu feitio agir de forma tão egoísta.

Mas o destino parecia querer algo diferente.

— Henrique, eu quero falar com você. — Regina, a melhor amiga de Cris, chamou o garoto assim que a solenidade acabou, pouco antes de a festa começar.

— Tudo bem. — Ele foi caminhando para fora da quadra coberta, até chegar do lado de fora. Os dois atravessaram a rua e se sentaram no muro baixo da casa em frente à escola.

— Eu só queria dizer que óbvio que não apoio o que você fez com a minha amiga, mas eu... bem, meio que te entendo.

— O quê?

— Não sei se você sabe... Eu sou lésbica. Gosto de garotas e tal.

— É, a Cris tinha comentado comigo.

— Pra mim, foi muito difícil decidir se eu contaria ou não para a Cris que te vi beijando um garoto. Mas a minha amizade falou mais alto do que qualquer empatia que eu pudesse ter.

— Cê tá certa.

— É que, poxa, cara! — Ela fez um gesto com as mãos. — Queria muito que as coisas tivessem acontecido de um jeito diferente.

— Eu também.

— Mas, bom, cê tá indo pra Belo Horizonte, né? — Regina mudou de assunto.

— Sim, vou morar com o meu pai e tentar achar algo pra fazer da vida.

— Vamos tentar manter contato pela internet.

— Vamos, sim, claro!

— É que eu não conheço nenhuma menina lésbica, ou outro garoto gay.

— Mas eu não sou gay.

— Fala sério, Henrique...

— É sério. Não sou, não. — O garoto viu que Regina respirou fundo, tentando manter a paciência, o que ela aparentemente perdia rápido. Ele logo emendou: — Eu gosto de meninos, sim. Óbvio.

— Uai!

— Mas também gosto de meninas. Eu gosto de *pessoas*, Regina!

— Ah! — Ela soltou todo o ar dos pulmões. — Então você é mesmo bi!

— Bi?

— Bissexual...

— Bissexual... — ele repetiu. Ouvir Regina dizer aquela palavra foi como iluminar uma caverna escura. — As pessoas sempre esperaram que eu fosse gay, sabe? — ele começou a dizer. — Por eu ser sensível, não gostar de futebol, preferir música, livros, revistas. Acabou que, aos doze anos, já havia me conformado com a ideia. Eu achava mesmo que era gay, eu tinha tudo de gay, até o principal, né? O interesse por outros meninos. Então aceitei: sou gay, e agora?

— Precisamente a minha reação.

— Mas aí comecei a pensar em todas as meninas que eu achava bonitas, as que eu queria beijar. E eu ficava: será que gays gostam de meninas? Quando vim pra Santa Má, ainda tinha isso na cabeça. Eu pensava: será que esse interesse pelas garotas não é o meu cérebro tentando me sabotar, me fazer ser hétero, me encaixar? Teve uma vez, juro por Deus, que cheguei a

pensar que minha mãe estava botando algum remédio que curasse gays no meu suco.

Regina caiu na risada.

— Isso não existe, Henrique!

— Eu sei! Mas tentava achar uma explicação. E segui tentando, até que comecei a namorar a Cris. Então todo mundo passou a me questionar o porquê de eu estar com ela, e o meu sentimento não parecia suficiente para convencer ninguém. Não estou tentando justificar, não tem justificativa. Mas eu realmente comecei a acreditar no que me diziam, a duvidar do meu próprio sentimento. Até eu beijar o Rodrigo e ter a certeza, a resposta para tudo.

Regina o olhou com um misto de curiosidade e compaixão.

— Eu amo a Cris, Regina.

— Ai, Henrique! — Ela bateu com as mãos nos joelhos.

— Só que eu também sentia algo forte pelo Rodrigo. Mas não sinto mais.

Regina respirou fundo. Henrique percebeu o olhar impaciente que ela lhe lançou.

— Sei que você não vai dizer nada disso pra ela, mas a Cris é a coisa mais verdadeira que já aconteceu na minha vida. A parte mais honesta de mim, a mais feliz, a mais sonhadora. Queria não ter cometido um erro tão bobo...

— A vida é isso.

— É... Agora é seguir em frente. — O conformismo do garoto durou pouco. — Mas sabe o que mais me incomoda?

— Hum?

— Ninguém questionou meu primeiro namoro com uma menina.

Ninguém! E *ele* não era sincero. Já meu namoro com a Cris... Nem uma alma viva acreditou que eu pudesse estar apaixonado por ela. E não era por acharem que eu sou gay. Quem dera fosse.

— O mundo é doente!

— Isso me irrita. Porque todo mundo fala sobre amor verdadeiro, amar uma pessoa só pelo resto da vida e *blá, blá, blá*. Todo mundo prega o amor... desde que você se apaixone por alguém branco, magro ou de um gênero diferente do seu. Caso contrário, algo, com certeza, vai estar errado.

— Mas não está errado.

— Não. Não está.

— Bissexualidade existe, Henrique.

Algo chamou a atenção da garota. Ela se levantou, e Henrique viu Malu sair da quadra e se aproximar dos dois.

— Regina — ele a chamou, antes que ela se afastasse.

— Entregue isso aqui pra Cris. — Foi tirando um pedaço de papel amassado do bolso. — Mas só quando você achar que deve.

— O que é isso?

— Uma carta. Pode ler, se quiser.

— Eu não vou entregar cartinha sua, meu filho. Você está querendo demais. — Ela tentou devolver o papel a ele, que recusou.

— Leva. Leia. Se quiser jogar fora, joga.

— Ok. — Ela encerrou o assunto quando Malu chegou perto dos dois. — Fui, mas não prometo nada.

Henrique observou Regina voltar para a quadra levando a carta consigo. Ele duvidava que a garota fosse, de fato, entregá-la à amiga, mas tinha um

pouco de esperança de que a ex-namorada o perdoasse... um dia.

— Oi — Malu disse, antes de se sentar ao lado dele.

— Achei que você não fosse mais falar comigo.

— Minha vontade era exatamente essa, Henrique. Depois do que você fez com a *minha irmã*.

O garoto não respondeu, apenas abaixou ainda mais a cabeça. O desejo dele era abrir um buraco no chão e sumir. Não aguentava mais. Queria, de forma desesperada, pedir perdão à Malu, à Cris, ao universo, a si mesmo.

— Eu te avisei. Eu disse para não se aproximar tanto dela. Mas você usou a *minha irmã* como fachada. — A mágoa na voz de Maria Luiza feria mais que as palavras que ela dizia.

— Não. Eu não fiz isso.

— Não fez? — Ela se mexeu, indignada.

— Não fiz. Eu amo a Cris, Malu. De verdade.

A garota revirou os olhos.

— Francamente, Henrique! — Ela começou a se levantar, mas o garoto a segurou pelo braço.

— Eu tô falando sério. Sei que errei feio, mas meu sentimento pela Cris é verdadeiro e sempre foi.

— Você gosta de meninos, Henrique. Vai negar isso até quando?

— Gosto mesmo, não tô negando.

— Então?

— E gosto de meninas também. Demorei a aceitar que gostava de meninos quando me apaixonei pelo Rodrigo. E custei a entender que gostava

de meninas quando me apaixonei pela Cris. Eu achava que isso não era possível, que ou você gostava de um ou de outro. Foi quando minha cabeça virou essa bagunça. — Ele começou a chorar baixinho. — Eu não sabia o que fazer, o que pensar. Sei que errei. Eu sei, Malu. Não devia ter feito aquilo com a Cris, mas estava tão perdido dentro de mim mesmo. Não conseguia *entender*.

Malu também não era capaz de compreender o que o garoto dizia, mas percebeu seu desespero. Sentiu o coração apertar. O mundo era cheio de gente, umas completamente diferentes das outras. Por que não poderiam existir pessoas que não amam apenas pessoas de um gênero?

— Me perdoa, Malu. — Ele ainda chorava. — Queria que a Cris me perdoasse também, mas não posso ir atrás dela. Não posso machucar ela ainda mais. Ainda não sei quem sou. Só sei do que não gosto.

— *E destes dias tão estranhos* — Malu cantou, completando a música que ele mal havia percebido que tinha citado. — *Fica a poeira se escondendo pelos cantos*.

— *Esse é o nosso mundo. O que é demais nunca é o bastante e a primeira vez é sempre a última chance*.

— A Legião tem uma música que fala isso de gostar de meninos, meninas, de São João e não sei mais o quê... — Malu se lembrou.

— É... É verdade, tem mesmo! *Bissexualidade existe*. Regina acabou de dizer isso. Inclusive, pedi para ela entregar uma coisa para a Cris, mas acho que ela não vai entregar.

— Por quê?

— Porque a Regina é uma boa amiga.

— Ai, Henrique! O que é?

— Uma carta.

— Garoto...

— Eu pedi para ela entregar no momento que julgasse mais apropriado. Sei lá... Acho que foi um erro bem egoísta da minha parte. Mas eu amo sua irmã, mesmo! Que inferno! Por que sou tão burro?

— Vai passar. Vocês são novos. Aliás, *nós* somos!

— Sei não, viu? Às vezes acho que a Cris é o amor da minha vida.

Malu soltou uma gargalhada alta e sincera.

— Henrique, você tem dezessete anos! Pelo amor de Deus!

— Uai, o que que tem? Há pessoas que se apaixonam com dezessete, com trinta ou com setenta. Tem gente que sequer vive o suficiente para amar alguém. Eu tenho sorte, pensa só — ele disse, sorrindo. Malu acabou retribuindo o sorriso.

— Vou sentir sua falta, Henrique. Espero que não suma lá em Belo Horizonte.

— Vou sumir não. Já disse para a Regina que mantereí o contato.

— Então boa viagem! — Ela se levantou e abriu os braços. Ele fez o mesmo, abraçando-a com força. — Espero que seja feliz. Muito feliz.

— Te amo, Malu. Vou morrer de saudade! — Ele a soltou. — Cuida da Cris.

— Eu vou cuidar, palhaço! Não precisa nem falar! — ela disse, já virando as costas e indo embora.

Na mesma hora que a amiga entrou na quadra coberta, Henrique sentiu uma gota cair em seu nariz. Olhou para o céu. A chuva que havia dado trégua de manhã parecia que queria voltar. Henrique se lembrou do beijo no quintal de Cris. Naquele instante, sentindo outras gotas caírem sobre sua pele, pensou na sorte que tinha por conhecê-la. Observou a escuridão do céu por um momento e viu a si mesmo como um quarto escuro, sendo iluminado por *ela* e seus olhos tão atentos, tão perspicazes. Cris o *viu*, no meio de toda a

urgência do mundo, ela o viu. E ele jamais seria a mesma pessoa novamente. Depois dela, tentaria *ver* as pessoas, tentaria não ter tanto medo, tanta pressa.

E enquanto a chuva ficava mais forte, Henrique caminhava, lentamente, de volta para casa.

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas... e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota...

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de [Cartas para Luísa](#), livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, [Sempre estive aqui](#), [As razões de Cris](#) e da série de contos com protagonistas bissexuais, [Clichês em rosa, roxo e azul](#), que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br

Instagram: [@mariafreitaslivros](#)

Twitter: [@themarkiafreitas](#)

Faça parte do [Clube da Maria](#), uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: <https://apoia.se/clubedamaria>.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização
prévia da autora.

Edição e revisão: Clara Alves

Capa: Beatriz Montenegro

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria

As razões de Henrique / Maria Freitas

São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à

Maria Madalena de Freitas Souza

www.mariafreitas.com.br

[1] Expressão típica da região Leste de Minas Gerais, que quer dizer “fica esperto”.